

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE ARQUITETURA
MESTRADO EM ARQUITETURA E URBANISMO

Antonio Luiz Morais de Andrade
(ALMANDRADE)

FRAGMENTOS DE UMA LEITURA DA CIDADE

Salvador, 1992

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE ARQUITETURA
MESTRADO EM ARQUITETURA E URBANISMO

Antonio Luiz Morais de Andrade
(ALMANDADE)

FRAGMENTOS DE UMA LEITURA DA CIDADE

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA AO CORPO
DOCENTE DO MESTRADO EM ARQUITETURA
E URBANISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DA BAHIA COMO REQUISITO PARCIAL PARA
OBTENÇÃO DE GRAU DE MESTRE EM
ARQUITETURA E URBANISMO:

Orientador:

Prof. PAULO ROBERTO DE SOUZA ROCHA

Salvador, 1992

AGRADECIMENTOS

Ao professor Paulo Rocha, pelas observações, sugestões e incentivo durante a orientação desse trabalho; à professora Ana Fernandes, pelas críticas que me foram preciosas na orientação inicial; à Christiana Fausto, pelo dedicado trabalho de revisão do texto.

RESUMO

Esta dissertação levanta uma crítica à leitura racional da cidade a partir de fragmentos de leituras, que mesmo genéricas, buscam um olhar menos técnico e ~~um pouco~~ ^{MAIS PROXIMO DO} poético. A cidade não é só um espaço físico com problemas urbanos, é uma existência humana, é tudo que ocorre num determinado território, geográfico, incluindo obsessões e devaneios, de quem nêle vive. Dai a opção por uma metodologia, que considere não só a objetividade científica, como também as observações do sentimento, reivindicando assim a presença de um sujeito empírico no centro do conhecimento.

A idéia partiu de dois princípios:

O primeiro, que era necessário não afirmar definitivamente nada, mas escutar a cidade, interpretar o que dizem seus signos.

O segundo, o discurso sobre a cidade inventa uma outra cidade, que só existe no texto, embora se espelhe na cidade real.

Tentamos mostrar que quando estudamos a cidade, abordamos aquilo que nos inquieta, aquilo capaz de comprovar o nosso propósito de conhecimento. A primeira parte trata-se de um estudo mais teórico, que aborda principalmente o cotidiano na cidade moderna. A segunda parte, é constituída de leituras de espaços da cidade do Salvador, vividos nos dias de hoje, marcados essencialmente pelo devaneio que acolhe a experiência empírica e projeta fantasias e preocupações teóricas sobre o objeto de estudo.

S U M Á R I O

APRESENTAÇÃO	07
--------------------	----

1a Parte

INTRODUÇÃO	12
A CIDADE E A RAZÃO	19
A CIDADE E O SIGNO	25
A CIDADE E A MERCADORIA	31
A CIDADE E A DISCIPLINA DO CORPO	36
A CIDADE E A EMOÇÃO	40
A CIDADE E O TRABALHO	45
A CIDADE E A ARTE	50
A CIDADE E SUA IMAGEM	55
A CIDADE E O ESPAÇO PÚBLICO	59
A CIDADE E O TEMPO	64
CONCLUSÃO	69
NOTAS (1a PARTE)	73

2a Parte

TERRITÓRIOS ESPECIALIZADOS DA CIDADE	80
OS DESERTOS DA ESCOLA DE ARQUITETURA	83
ESTAÇÃO DA LAPA	87
SHOPPING BARRA	91
McDONALD'S	95
CAMPO GRANDE	98
PRAÇA MUNICIPAL	102
PARQUE DA CIDADE	107
NOVA ORLA	111
CONJUNTO RESIDENCIAL SANTA MADALENA	115
CENTRO ADMINISTRATIVO	119
NOTAS (2ª PARTE)	118
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	126

APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

O propósito do presente trabalho é explorar a diversidade de leituras que a cidade, enquanto um conjunto de acontecimentos, de comportamentos, de intervenções, de instalações, de conceituações (esquema 01), nos permite. Trata-se de ocorrências em um determinado território, que conformam um complexo entrelaçado de fatores econômicos, sociais e psicológicos.

Para a demonstração desta proposta, torna-se necessário eleger alguns elementos de análise, ou pretextos, para se fazer leituras da realidade urbana. Leituras estas, ligadas entre si pelas generalidades, mas calcadas em referenciais teóricos, que levam em conta não só a exatidão racional, mas as improvisações do sentimento; isto porque a cidade é produto de exigências objetivas e subjetivas, aptas a realizarem fantasias pessoais.

Utilizou-se uma bibliografia indispensável, para definir os elementos conceituais do eixo central das análises, o que conduziu à aferição da idéia inicial.

O objetivo foi o de contrapor ao modelo convencional de análise da cidade, que privilegia a totalidade do espaço físico, outros modelos de análise, voltados para particularidades, que fazem o seu cotidiano.

Veremos, ao longo do texto, como escritores e filósofos nos oferecem subsídios que mostram a cidade além de um espaço genérico, físico e funcional. Ela tem uma poética e uma estética, capazes de influenciar o humor de quem nela vive.

Assumindo por base uma formalização teórica abrangente, procurou-se desenvolver a abordagem em pequenas análises de ocorrências concretas, em tempo e espaço determinados. Buscou-se, através da observação e da relação sensorial entre o sujeito e a cidade, uma visão do urbano, como uma experiência ligada a uma forma de vida, e não um objeto, como costuma ser a tônica dos estudos científicos, que separam questões e as reúnem em trabalhos especializados.

Buscar outros pontos de vista, acrescentar a experiência empírica e a contemplação poética à apreensão metodológica da realidade urbana torna-se fundamental para ampliar a reflexão sobre a crise da cidade e sobre o seu discurso.

A intenção não é, portanto, a de responder questões, mas recolocá-las em outro patamar de discussão, enfrentando os

riscos de uma abrangência ampla, necessária para refletir a complexidade da questão.

Este trabalho está, desta maneira, composto em duas partes: A primeira integra uma abordagem teórica, sem tempo, nem lugar geográfico determinados. Tem como episódio principal o território urbano devassado pela indústria moderna, a centralização do capital, do poder e da cultura.

A cidade é abordada através do trabalho, do lazer, da arte, do tempo, do signo, do corpo, da imagem, do cotidiano e da produção de conhecimentos. Leituras particulares, mas que englobam o todo, onde a cidade aparece como o cenário de uma existência.

A segunda parte é constituída por leituras independentes de espaços urbanos, que marcam a visualidade e o cotidiano da Cidade do Salvador, atualmente, tendo como base a conceituação explicitada na primeira parte.

Desenvolvendo-se observações intencionais, projetar-se nelas conclusões e inquietações que sustentaram a realização deste trabalho. No contexto semiótico, são sistemas de signos, sujeitos a várias interpretações, limitadas a repertórios. Por esta razão, a interpretação intencional está submetida ao referente conceitual, contido na parte anterior.

1^{ma} PARTE

INTRODUÇÃO

"Á vida é insuportável para quem não tem sempre à mão um entusiasmo."⁽¹⁾

"O homem que cavalga por terrenos selváticos, sente o desejo de uma cidade."⁽²⁾

"Quando, desde o final do século XIX, a cidade é absorvida nos dioramas que as linguagens simbólicas desenvolvem, e toda ela parece tornar-se uma floresta de signos, começa sua sacralização pela literatura."⁽³⁾

Certamente a cidade onde exercemos a nossa experiência de vida é diferente da cidade que aparece no texto verbal; a cidade do texto é um inventário de signos, rasurados e ordenado segundo a pretensão e a fantasia do seu autor.

Ao propor estes fragmentos de textos sobre a cidade, a título de demonstração de uma hipótese, seguramente não se busca exatidão, e sim interpretações.

O trabalho assume o princípio de que antes de se pensar em solução, é preciso que se formule o problema. Se há uma crise da cidade, há também uma crise do conhecimento sobre ela, da visualização dos seus problemas.

"Frequentemente se disse, e se mostrou, que uma instituição, como um órgão, não se explica pelo seu uso." (4) A cidade é atribuída uma funcionalidade, um uso, para o qual ela é planejada. Nos também, trata-se de um espaço simbólico.

A sua leitura nos remete a várias interpretações de ordem econômica, política e ideológica; apreensões abjetivas de estudos predeterminados. Por outro lado, existem ainda apreensões particulares, até subjetivas, advindas de indivíduos, grupos sociais e categorias diversas.

Fazemos parte de uma civilização condenada ao urbano, pois viver fora deste cenário, é conviver com outras formas de insegurança, pouco suportáveis, distantes do turbulento paraíso da sociedade moderna industrial. Fala-se que, ultimamente, a cidade vem perdendo o seu sentido, vem perdendo aquela ilusão de promover a felicidade e o devaneio, resultado de uma vida urbana ligada às modernas condições de produção, embora a história nos mostre que ela sempre foi um lugar de lutas e conflitos.

O descontentamento com o viver nas grandes cidades, nos dias atuais, exige do saber sobre o urbano e sobre a sociedade contemporânea a reformulação do pensamento crítico, ou a aprendizagem de um método de abordar esse desejo de crise da vida urbana.

O processo de produção e reprodução da cidade passou por momentos históricos de maior e menor importância. O espaço foi, pois, apropriado para o espetáculo da mercadoria, para a acumulação do capital e para abrigar o cotidiano das

relações de produção e passou a ser o abrigo de um sujeito histórico: força de trabalho.

"Embora já existam cidades há milhares de anos em sociedades com diferentes modos de produção, sua importância aumentou em dois períodos históricos mais recentes. O primeiro começou no final da Idade Média, e estava relacionado com as transformações que ocorreram no sistema feudal europeu, com o desenvolvimento do capitalismo; O segundo começou no final do século XVIII, com a Revolução Industrial, e estava relacionado com a formação de um modo de produção capitalista."⁽³⁾

"O urbano é esta tomada de posse do meio ambiente natural e humano pelo capitalismo que, ao desenvolver-se logicamente em dominação absoluta, pode e deve agora refazer a totalidade do espaço como seu próprio cenário."⁽⁴⁾

A relação sujeito/cidade tem uma história. Foi exatamente a partir do século XIX, com o crescimento acentuado da população urbana, em decorrência da centralização da oferta de trabalho e de serviços que se iniciou o atual processo de transformação da fisionomia da cidade. O indivíduo perdeu a sua antiga identidade, e passou a ser participante de uma multidão, inaugurando uma nova noção de vida urbana.

Escritores, a exemplo de Charles Baudelaire e Edgar Allan Poe, tornaram-se observadores do cotidiano das ruas, fazendo do espetáculo da cidade tema dos seus escritos literários.⁽⁵⁾ De um modo geral, atualmente, assegurar o funcionamento do aparelho cidade passou a ser um problema de um saber especializado, para garantir a prática da administração, a segurança, a vigilância, a defesa, a manutenção da ordem e do poder. Criou-se um planejamento urbano, uma arquitetura,

uma engenharia. Tecnologias menos preocupadas com uma solução global, e sim voltadas a resolver problemas isolados, defeitos apresentados em seus mecanismos de funcionamento, de urgência muitas vezes mais políticas do que técnicas.

O discurso sobre a cidade, não retrata exatamente a sua realidade. Diz Bergson: "Todas as fotografias de uma cidade, tomadas de pontos de vista possíveis, poderão se completár umas às outras, porém não equivalerão nunca a este exemplar em relevo, que é a cidade por onde caminhamos."⁽¹⁰⁾. Este texto de reflexão sobre a cidade pretende esboçar uma leitura sobre o espaço físico e os níveis de relacionamento que a população mantém com este espaço, no exercício da vida urbana.

Neste caso, os conhecimentos do mundo sensível e os conhecimentos perseguidos pela ciência, se completam. Existem outras racionalidades, necessárias à leitura das cidades, como aquela proveniente do relacionamento empírico ou poético. Aliás, "a própria linguagem é poesia em sentido essencial."⁽¹¹⁾. E os mesmos signos que registram o mundo real, registram também o mundo da fantasia.

Os elementos significativos de uma cidade não são apenas os que são apresentados pelos estudos de natureza científica, mas todos os outros elementos nela contidos, capazes de

estimular a imaginação e a fantasia, que fazem com que nos sintamos mais próximos de uma cidade, do que de outra.

Pensar a cidade é construir uma reflexão, sem esquecer que existem outras: "... a verdade filosófica é da ordem essencialmente higiênica, ela não fornece nenhuma certeza, mas protege o organismo mental contra o conjunto de germens, portadores da ilusão e da loucura."⁽¹⁰⁾.

Este olhar sobre a cidade, entre a ciência e a experiência empírica, se por acaso levanta dúvidas, é para evitar certezas absolutas, que limitam o processo de conhecimento.

"Em si mesma, toda idéia é neutra ou deveria sê-la; mas o homem a anima, protege nela suas chamas e suas demências; impura, transformada em crença, insere-se no tempo, toma a forma de acontecimento: a passagem da lógica à epilepsia, está consumada... Assim nascem as ideologias, as doutrinas e as farsas sangrentas,"⁽¹¹⁾.

Aquilo que muitas vezes elegemos como informações precisas, acerca de um objeto de estudo, muitas vezes não passa de divagações e interpretações, condicionadas pelo próprio interesse do estudo.

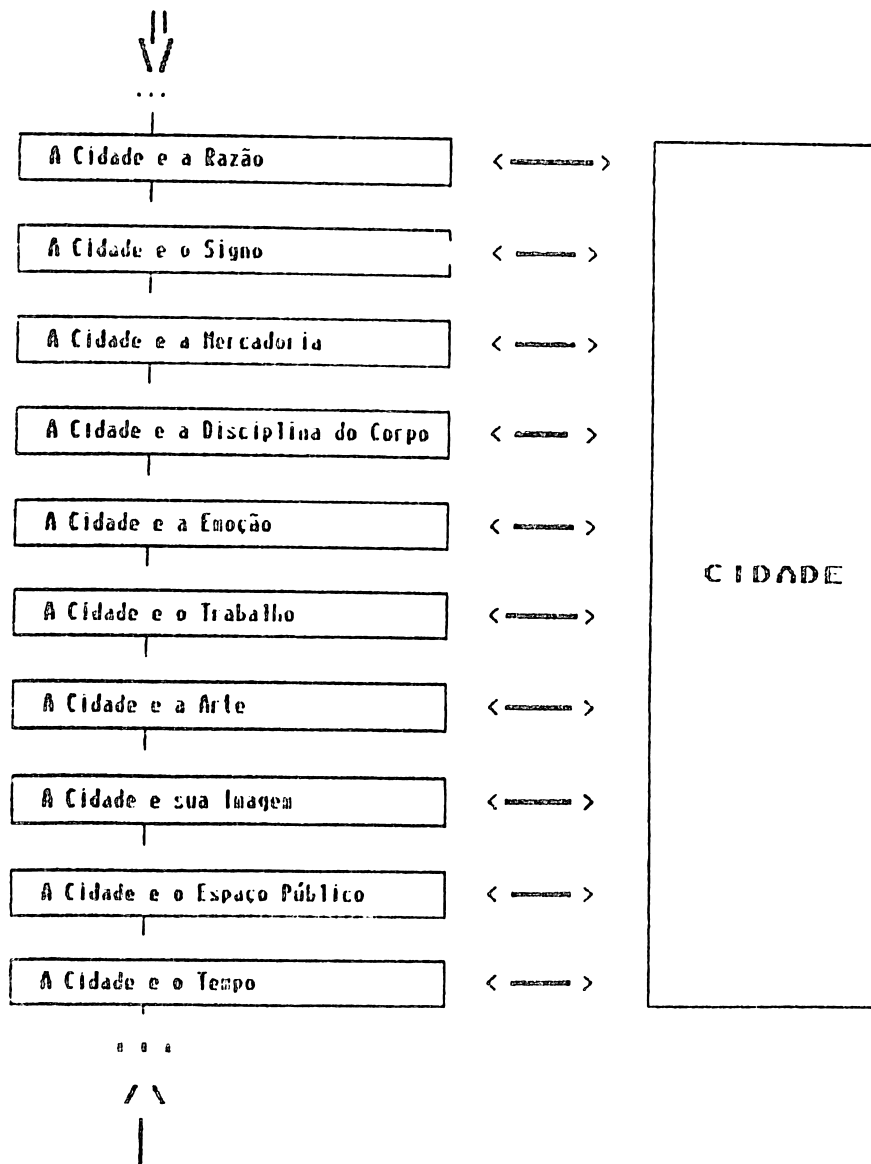
O fato de ficarmos extasiados diante de um objeto de estudo, nos leva a acumular idéias, informações, hipóteses, que com o passar do tempo, ainda que seja um tempo curto, entre a elaboração do projeto e o final da pesquisa, chegamos à

conclusão, que mesmo comprovadas, não constituem essencialmente uma verdade fundamental.

Na cidade existem vários tempos, várias memórias, várias histórias, várias verdades; ela não é homogênea, como também não o é a sua leitura. Toda vez que a observamos com novos olhos, com outras referências e preocupações, descobrimos outras cidades, que se somam ou contradizem à primeira percepção.

ESQUEMA 02 - RELAÇÕES DA CIDADE

A Cidade e seus parâmetros de leitura



Condicionantes ^{que} determinam o modelo:

Teoria - Observações - Hipóteses

Divagações - Generalidades - Sentimento

Poética - Críticas.

A CIDADE E A RAZÃO

"Não visamos em geral conhecer por conhecer, mas conhecer para tomar partido, para retirar vantagens, enfim, para satisfazer um interesse."⁽¹²⁾

"Não existe, com efeito, qualquer meio correto, tendo em vista o conjunto mais ou menos divergente das concepções atuais, que permita definir o que é útil aos homens."⁽¹³⁾

Quem fala de uma cidade, fala de um ponto de vista, fala a partir de teorias. Mesmo a fala, provocada por devaneios, é permeada de razões..

Este primeiro capítulo é dedicado à percepção racionalista da cidade (quer seja a vertente positivista ou dialética), sua contribuição, seus limites, e a necessidade de uma nova razão, que reconheça o sonho e o desejo, como meios de conhecimento de uma realidade.

Há uma cidade inventada pela objetividade científica, ou melhor, cidades teóricas, planejadas por diferentes áreas do conhecimento, por diferentes informações e por diferentes metodologias. E há uma outra cidade sonhada no devaneio político.

A vontade de ver, de criticar, de teorizar, aliada à imaginação inventiva, descobre cidades ocultas: cidades que se cruzam ou seguem sentidos contrários, levadas pela

correnteza de fluxos de conhecimentos particulares e diferentes.

Os olhos da razão, sem dúvida, contribuíram efetivamente para o avanço do conhecimento, da história e da teoria da cidade. A razão propôs novas curiosidades e esclareceu questões pouco conhecidas sobre seu contexto, as suas especificidades, o seu interior e exterior. Mesmo quando estiveram condicionados por motivos políticos, visando a ordenar socialmente o espaço físico das cidades, brilharam os olhos da razão.

A objetividade científica trabalha com conceitos e verdades que podem ser testados e provados. Para Bachelard: "O trabalho científico tem uma disciplina de objetividades que susta todos os devaneios da imaginação."¹⁴ A cidade é também depósito de verdades imaginárias; sobre ela a racionalidade da imaginação projeta cidades impermeáveis a conceitos.

Depois de testar e rejeitar os imprecisos pensamentos das primeiras observações, o conhecimento científico tece um discurso, com informações e propósitos provenientes de uma ou várias áreas do saber, produzindo interpretações críticas e propositivas sobre o urbano e o que nele ocorre. As preocupações objetivas de modelos de urbanismo, que estiveram envolvidos entre a tradição científica e interesses políticos, sob o impulso de uma racionalidade

radical, desprezaram certas relações empíricas e subjetivas que os usuários mantêm com a cidade.

Esta razão científica perdeu parte da sua sensibilidade, e perdeu a noção dos seus limites, para compreender este complexo mundo de existências humanas e seus momentos históricos.

O mundo do conhecimento perdeu a sua ingenuidade:

"Depois de Marx e Freud, não podemos mais aceitar a idéia de uma razão soberana, livre de condicionamentos materiais e psíquicos."⁽¹⁵⁾

Os discursos sobre a cidade não podem ser constituídos de
=> afirmações absolutas, para não perder^M suas individualidades e particularidades, diante de uma imensidão de outras afirmações semelhantes e contraditórias. É preciso que se preste atenção aos fluxos poéticos, que acolhem as primeiras impressões e as submetem à imaginação e ao devaneio, de onde pode originar o sonho da ciência. Mesmo em nome da ciência, estamos limitados a ver as coisas de uma certa maneira, de um certo ângulo: cada indivíduo, cada grupo social, cada grupo de estudos, vê a realidade da cidade ao seu modo, segundo um raciocínio fundado culturalmente.

"Minha cultura, o espírito do povo ao qual eu pertença é o que impregna, ao mesmo tempo, meu pensamento nobre e os gestos mais simples de minha existência cotidiana."⁽¹⁶⁾

Há uma produção de conceitos, exterior ao ser, e é através desses conceitos que se dá a apropriação do real.

Todo o conhecimento da realidade é permeado de crenças e concepções externas ao objeto e até arbitrárias, e de sentimentos lógicos. Os sonhos, por exemplo, alteram a realidade do mundo diurno, mas contêm elementos significativos para se compreender verdades históricas do seu sonhador. Os sonhos que a imaginação poética deposita no território da cidade são portadores de verdades secretas, que se tornam transparentes quando submetidas à um exercício de lógica.

A realidade percebida é social e é da ordem do raciocínio e da paixão. As certezas são relativas, e faz parte de suas naturezas ter resíduos de dúvidas. Mesmo assim:

"Ainda existem observadores inofensivos, que acreditam que há 'certezas imediatas'; por exemplo, 'eu penso', ou, no dizer do supersticioso Shoupenhauer: 'eu quero'; como se, neste caso, o conhecimento conseguisse se apossar do seu objeto em estado puro, enquanto 'coisa em si', sem falsificação, nem por parte do sujeito, nem por parte do objeto. Entretanto, repetirei cem vezes, que a 'certeza imediata', assim como o 'conhecimento absoluto' e a 'coisa em si', envolve uma contradição in adjecto; já é tempo de nos libertarmos do significado enganoso das palavras." (17)

A mesma configuração da cidade real, filtrada pela razão e pelo sentimento, espelha cidades diferentes, que se multiplicam quase infinitamente. "A cidade se apresenta de forma diferente, para quem chega por terra ou por mar" (18)

Apresenta-se de forma diferente às diversas formas de orientações teóricas .

O que aconteceu com o olhar científico, depois da Revolução Industrial, ao se defrontar com uma crescente urbanização, frente ao seu propósito de racionalização, foi a perda de um exercício de pensar, mais amplo, sobre o homem, suas relações consigo mesmo e com o ambiente que o cerca.

"Hoje sabemos que a expressão dos poderes técnicos da indústria significa, ao mesmo tempo, a destruição dos meios ecológicos de subsistência, que suas conseqüências sociais não são nem a liberdade nem o bem estar, mas sim a fome e a miséria, e que a racionalização social introduzida pela maquinação da vida e pela estética cartesiana da arte e arquitetura modernas, acarretou igualmente um processo destrutivo de culturas históricas, de potencialidades artísticas e de comunidades tradicionais." (19)

Estas visões racionalistas, quando divorciadas de um sentido geral do processo de conhecimento, vê a cidade como uma máquina, que pode apresentar defeitos em seus sistemas, e devem imediatamente ser consertados, ou substituídos, através de uma intervenção técnica, sem levar muito em conta o seu principal personagem: o sujeito urbano. Um ser biológico e psicológico. Pensar e recuperar a cidade como um espaço utilitário, é olhar a cidade do seu exterior, é ver uma das suas especialidades.

é Bachelard quem diz: "Substituímos a necessidade de compreender, quando a colocamos numa dependência absoluta do princípio de utilidade." (20) Quando não se olha também por

dentro, pelo seu avesso, percebendo aparências e especificidades, não se passa de uma curiosidade passiva.

"Assim a inteligência deixa escapar do real, o que é a sua própria essência." (81)

O saber, quando descreve o real, atribui sentidos a este real e "é impossível descrever alguma coisa corretamente, sem um princípio prévio de referência." (82) Se o homem e seu processo de conhecimento estão condicionados pela cultura, por determinismos econômicos, e pela linguagem, o significado da cidade, para o homem, é um significado atribuído pela natureza desses condicionamentos.

"O sentido do mundo é assim decifrado, como sentido que eu dou ao mundo; mas tal sentido, é vivido como objetivo, descubro-o, de outra forma, não seria o sentido que o mundo tem para mim." (83)

A relação homem/cidade atravessa a dimensão utilitária. A cidade não atende somente a uma noção de utilidade material. Ela faz parte do imaginário e da história de uma população, de grupos sociais, e até de indivíduos isolados. Diante da realidade tecnológica do mundo moderno, a crítica, a reflexão, a produção e reprodução da cidade, devem ter como preocupação principal, o homem e seu direito à vida urbana.

A CIDADE E O SIGNO

"A cidade foi, antes de tudo, o lugar da produção e da realização da mercadoria, da concentração e da exploração industrial. Atualmente ela é, antes de tudo, o lugar da execução do signo com sentença de vida e de morte".²⁴

"O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: A cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso, e, enquanto você acredita estar visitando Tamara, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes."²⁵

A cidade é construída de signos. Um texto não verbal, que não detém significações definitivas, por isso pode ser interpretado de forma diferente por grupos sociais e/ou individuais que vivem ou simplesmente observam seu território. A leitura é uma prática de apropriação conceitual de signos e ela está sempre condicionada a repertório. Somos dominados pelo mundo da linguagem. Estudar a cidade através da dimensão do signo, é estudar as ambiguidades deste espaço contemporâneo onde o homem tece suas relações através de representações simbólicas. Falar de uma cidade é levantar uma demanda de sentido. Para Jean Baudrillard: "A cidade não é mais o polígono industrial que era no século XIX, ela é o polígono dos signos, das mídias, do código."²⁶ A história nos mostra que o espaço ocupado pelo homem sempre foi da ordem do simbólico: depois que o homem percebeu a caverna e descobriu nela um abrigo, atribuiu significados a ela e a registrou na memória. Concepções culturais, religiosas, ideológicas determinavam o traçado, o uso, construções, o que era prioritário para uma

cidade. Assim os egípcios construíram pirâmides, os gregos templos e ágoras, os romanos estádios etc. O homem escreve no espaço formas de pensar e de se relacionar com o mundo.

"...a cidade tornou-se em minhas mãos um livro..."²⁷

Os signos denotam a função uso de um espaço e conotam ideologias, representações referentes à função que caracteriza o espaço físico; determina sua tipologia e sua hierarquia. Se a cidade é um livro, ela guarda em suas ruas, praças e edificações um circuito de significações que vai se ampliando com o passar do tempo. "Há um labirinto de ruas que só a aventura pessoal pode penetrar e um labirinto de signos que só a inteligência raciocinante pode decifrar, encontrando sua ordem."²⁸ A espontaneidade de contemplar a cidade e imaginar uma ordem, ao sabor da fantasia, como fez, por exemplo, um comedor de haxixe²⁹, ou pensar a cidade pelo que se percebe nas primeiras imagens, é possível depois do aprimoramento da imaginação e da experiência, que podem tornar-se pensamentos estruturados. Há uma ordem simbólica da natureza do funcionamento, dos serviços e da memória da cidade e há outra ordem simbólica espontânea, onde o sujeito projeta seu imaginário.

"Pois 'ler' uma terra é antes de tudo percebê-la segundo o corpo e a memória, segundo a memória do corpo."³⁰

"As cidades desenvolvem suntuosamente uma linguagem mediante duas redes diferentes e superpostas: a física, que o visitante comum percorre até perder-se na sua multiplicidade e fragmentação, a simbólica, que a ordena e interpreta, ainda que somente para aqueles espíritos afins, capazes de ler como significações o que não são

nada mais que significantes sensíveis para os demais, e, graças a essa leitura, reconstruir a ordem."²¹

Através desse tecido semiótico que cobre o território, o homem se aproxima ou se retrai da cidade. Perceber a cidade é decifrar um jogo de signos. Existem vários modelos de ler uma cidade: há uma ambiguidade de significações, na medida em que se amplia ou troca de repertório se instaura novos modelos de leitura, até mesmo as oscilações psicológicas como prazer ou angústia, podem influenciar a percepção do espaço. "Um símbolo é um repositório de significados. Os significados emergem das experiências mais profundas que se acumulam através do tempo..."²² Para se ter acesso a uma cidade é preciso dominar seu código, conhecer sua linguagem, que informa sobre seu uso e sua história. A arquitetura e o urbanismo falam de seus moradores e de como se operam as relações entre eles, documentam uma ou várias histórias de vida social. Espaços públicos, espaços privados, áreas preservadas, monumentos históricos, monumentos suntuosos, habitações de alto luxo, favelas, avenidas etc. são linguagens com as quais a sociedade escreve a história do seu passado, seu presente e imagina o futuro.

"Mas a cidade não conta seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimões das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladeiras."²³

Em cada etapa da história a nova sociedade constrói a sua cidade e inventa os seus códigos. Mudam-se as linguagens,

mudam-se os conceitos, o sentido e o uso, com a passagem do tempo. Há momentos de contradição entre a significação de um espaço e o destino que lhes é reservado pela demanda de uso, principalmente em áreas históricas, onde o processo de organizar e codificar o espaço não responde às necessidades atuais, criando confronto entre significações históricas e funcionalidades modernas. As cidades planejadas e replanejadas para atender ao desenvolvimento industrial, foram inspiradas no mito da máquina, sinalizadas para abrigar tecnologias. A cidade exerce uma função utilitária e uma função simbólica e sempre foi concebida como um microcosmo capaz de influenciar e difundir idéias e hábitos a uma totalidade social e psíquica. "Nos primeiros centros mundiais, as cidades surgem não somente como resposta às forças econômicas e comerciais, mas também em resposta à necessidade de criação de um espaço sagrado, modelado segundo o cosmo."⁹⁴ A metrópole atual tem, entre outras funções, a de reproduzir uma padronização cultural correspondente a interesses dominantes e preservar outras culturas, onde o poder e sua microfísica se infiltram e se dispersam nas relações sociais e nas instituições, sem conter definitivamente revoltas sociais que subvertem funções autoritárias.

Os signos urbanos, na sua quase totalidade, como os meios de comunicação de massa, exercem um processo de comunicação imperativa, "e discurso arquitetônico é persuasivo"⁹⁵. A

cidade produz significações, produz imagens que ocupam o lugar da coisa, seja na forma da mídia, da publicidade, da televisão; seja na forma de signos que comunicam ordens de serviços. Para se adaptar ao sistema da cidade o homem urbano é atravessado por um sistema simbólico que estrutura a instituição da cidade moderna. Regras e necessidade acima das fantasias pessoais compõem esse sistema simbólico. A história das civilizações constata que: "O aspecto da vida humana muda a partir do momento em que deixa de seguir ao sabor da fantasia para responder às necessidades e empreendimentos que asseguram a proliferação de determinadas obras."²⁶ Obras que são prioritárias para quem administra as riquezas e os símbolos da cidade.

Para viver no centro urbano, como em qualquer sistema social, é preciso dispor de um repertório para dominar seu código. "Saber orientar-se numa cidade ^{NÃO} significa muito. ~~NO ENTANTO,~~ perde-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução."²⁷ A cidade vista, pela teoria do signo, é um conjunto de significantes e significados que solicita de seus usuários uma capacidade de leitura, para que estes possam se orientar em seu território. A percepção urbana tem consequência na adaptação do homem ao meio ambiente construído da cidade, como também na compreensão teórica de seus problemas e o que ela significa para o homem, a sociedade e a história. É preciso saber ler seus signos:

"Porque a linguagem nos proporciona uma determinada dimensão da percepção da cidade, nos proporciona ver a cidade de uma angulação que as outras áreas do conhecimento não têm toda a condição de desenvolver".³⁰

Porém a prioridade absoluta, com relação à teoria da linguagem, pode reduzir a cidade ao positivismo do signo; ela abre as portas da percepção, mas é preciso pois de outros discursos teóricos, porque os sistemas de signos urbanos por si só explicitam várias leituras diferentes e até contraditórias. O problema é que a construção e reconstrução da cidade está mergulhada numa rede de interesses, demandas e objetivos e sua compreensão deve passar por diversas disciplinas

A CIDADE E A MERCADORIA

"O mundo ao mesmo tempo presente e ausente que o espetáculo "faz ver" é o mundo da mercadoria dominando tudo que é vivido".³⁹

"Na origem da sociedade industrial baseada no primado e na autonomia da mercadoria - da coisa -, encontramos uma vontade contrária de situar o essencial - o que aterroriza e o que seduz no terror - fora do mundo da atividade, no mundo das coisas. De qualquer modo que demonstremos, isso não vai de encontro ao fato de que a sociedade capitalista geralmente reduz o humano à coisa - (à mercadoria)".⁴⁰

"A coisa é o que conhecemos de fora, que nos é dado como realidade física (no limite da comodidade, disponível, sem reserva). Não podemos penetrar a coisa, e ela só tem como sentido suas qualidades materiais, apropriadas ou não a alguma utilidade, entendida esta no sentido positivo do termo"⁴¹.

A cidade moderna fez do consumo uma necessidade social, se ela não é o lugar da realização da mercadoria, como afirma Baudrillard⁴², é porque a mercadoria antes de assumir a sua materialidade já é coisa, signo. O consumo é uma motivação primária do homem urbano e o território da cidade é construído primeiramente para possibilitar e fazer parte do circuito de trocas, base da ordem social moderna. A nossa sociedade é pontuada pelo culto à mercadoria e cada indivíduo encontra seu lugar na soberania do consumo. O espaço urbano, o meio ambiente natural, o trabalho humano são mercadorias que integram o sistema de intercâmbio econômico, permeados por ^W valor estabelecido que possibilita o processo de troca no mercado das necessidades materiais e simbólicas. Negociar a força de trabalho é uma atividade urbana, é uma forma de participar da cidade e consumir o que

ela oferece para alimentar o circuito da troca. Cada indivíduo, cada grupo social participa de ciclos diferentes de aquisição e renovação de objetos. A mercadoria é um distintivo social, como se a sociedade fosse formada de guetos e consumidores: por exemplo: O gueto de tal marca de automóvel, o gueto do centro comercial, o gueto que veste uma determinada etiqueta e assim por diante. A sedução e a renovação permanente da mercadoria faz de cada sujeito urbano um colecionador de objetos dispensáveis, que ele próprio não sabe porque os tem, fora do desejo egoísta de acumular. "A crença no progresso expõe o homem a todas as regressões. Seu individualismo estimulou o advento do sujeito egoísta, preocupado unicamente com o ganho e a acumulação."⁴⁹. Até o vazio da solidão que contaminou o homem urbano é preenchido de imagens e dos mais atraentes objetos de consumo do "design" moderno, que lhe proporcionam um estado de felicidade espetacular.

Os centros urbanos são centros de irradiação de hábitos, de difusão de uma mentalidade consumista patrocinadora do circuito da moda, da solidariedade do efêmero e da ideologia do progresso. A mercadoria chega a influenciar ou promover o modelo de vida do homem contemporâneo onde a relação de troca não deixa de ser um processo de relação social desse modelo de vida. A indústria da publicidade e a renovação do "design" do objeto se encarregam de seduzir novos consumidores, ampliando o mercado de bens de consumo e das

relações sociais. "A melhor forma de abrir um mercado é assimilar o produto a um importante privilégio."⁴⁴ A arquitetura e o urbanismo como tecnologias de construção e intervenção no espaço da cidade são solicitados a projetar e construir os mais fascinantes espaços destinados às demandas de consumo estimuladas pelos produtos da indústria moderna. O mundo da mercadoria é uma condição tão presente na vida da cidade, que o tempo livre, dispensado das atividades produtivas, é cooptado pelo consumo, como forma de divertimento. "Verifica-se ser tão útil considerar o tempo livre em função do problema do consumo quanto em função da produção. Com efeito, se a civilização industrial aumenta a necessidade de lazer, aumenta também a necessidade de consumir."⁴⁵ A história, a natureza, o moderno e o tradicional não escapam da condição de mercadoria, principalmente para serem comercializados em viagens de férias programada² pela indústria do turismo. Na sociedade de mercado todos os bens são convertidos em produtos, incluindo saúde, educação, cultura, informação etc, ampliando a variedade das mercadorias disponíveis para quem tem poder aquisitivo. O poder de compra passa a ser um dispositivo de classe, consumir é ter acesso ao mercado das trocas simbólicas, que garante privilégios sociais.

"O consumo não é uma prática material, nem uma fenomenologia da "abundância" não se define nem pelo alimento que se digere, nem pelo vestuário que se veste, nem pelo carro que se usa, nem pela substância oral, usual das imagens e mensagens, mas pela organização de tudo isto em substância significante; é ele a totalidade virtual de todos os objetos e mensagens constituídas de agora então em um

discurso cada vez mais coerente. O consumo, pelo fato de possuir um sentido, é a atividade de manipulação sistemática de signos."46

Na cidade contemporânea, o homem consome a fantasia institucionalizada da saúde, da segurança, da comunidade, do transporte. Do automóvel ao supermercado, da clínica médica ao motel, do bar ao clube social, do "shopping" à colônia de férias, um paraíso onde o consumo é a principal atividade que permite o acesso a tudo. Quanto mais se ganha mais se gasta com bens de conforto e outros solicitados pelos modelos de consumo de massa. Adquirir mercadorias passa a ser uma concretização de um sonho, um sonho veiculado na publicidade que desconhece qualquer princípio correto que determine o que é útil para o homem fora da necessidade de consumir, indispensável para conservar a sociedade de consumo. O mercado sempre teve sua importância no desenvolvimento das cidades, mas é com o surgimento da sociedade industrial que a mercadoria passa a intermediar as relações na cidade.

Dentro das condições moderna de produção, o espaço planejado é inscrito no circuito das mercadorias. O que é prioritário não é o espaço da habitação, da circulação ou da recreação que o indivíduo necessita para o exercício de suas atividades biológicas e sociais, mas a rentabilidade de lugar, o valor de troca. Como se a cidade fosse uma relação de coisas que pudessem ser permutadas, baseada num sistema de valor estabelecido por uma variável como a lei da oferta

e da procura. "é preciso dizer, então, como habitamos nosso espaço vital de acordo com as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num 'canto de mundo'"⁴⁷ Habitar não se restringe à disputa de metros quadrados de espaço, mercadoria escassa no centro urbano. Há uma relação de entrosamento do usuário com o lugar ocupado por ele num canto da cidade, que ultrapassa as relações materiais, e a cidade pensada como mercadoria e para mercadoria a ignora. São as relações de ordem da intimidade, ligadas a finalidades primordiais dos agrupamentos humanos de sobrevivência e bem estar da espécie, que vêm de encontro às relações essenciais de trocas, cuja finalidade é a sobrevivência da estrutura sócio-econômica vigente. Para o homem moderno, são as instituições da cidade que decidem como ele vai resolver certas necessidades, através da variedade de objetos de consumo oferecido pelo mercado.

A CIDADE E A DICIPLINA DO CORPO

"O que busco es intentar mostrar como las relaciones de poder pueden penetrar materialmente en el espesormismo de los cuerpos, sin tentar incluso que ser substituidos por la representacion de los sujeito."⁴⁸

"O corpo é o primeiro e o mais material instrumento do homem".⁴⁹

"A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis".⁵⁰

Se a transformação da cidade pelo indivíduo é um fato indiscutível, por outro lado ele é obrigado a se inserir numa determinada sociedade, inserir suas ações, seus pensamentos, sua compreensão de mundo numa linguagem já pronta, que escapa ao seu poder individual de domínio. Ou seja: a percepção e o limite possíveis determinados pelo seu corpo estão condicionados pela linguagem. Cada cidade, cada sociedade, mesmo submetidas a processos de transformação, dispõem de princípios, de hábitos, normas que lhes são indispensáveis e que todos os indivíduos devem absorver. "Pois a sociedade não nasce do homem, por mais longe que se retroceda na história, é ele que nasce numa sociedade já constituída."⁵¹ Ele nasce numa linguagem já estruturada. Viver na cidade significa dispor de uma técnica corporal, que são as regras necessárias de utilização de corpo, que o direciona para certos usos, certos comportamentos e modelos de organizar o seu espaço vivencial. Existem técnicas de andar, de alimentação, de higiene, de saúde. O desenho da cidade e a arquitetura criam disciplinas urbanas para controle de utilização do corpo, na medida em que o sujeito urbano é também obrigado a se adaptar ao espaço físico construído e a redimensionar os limites de sua convivência social, para que a sociedade se mantenha acima do indivíduo.

Existe uma interrelação entre o espaço e o corpo. A cidade é um produto humano e o corpo, depois de adaptado à vida

urbana, é um produto da cidade. Em todo o conjunto de vida há um enunciado de movimentos em vista a um rendimento determinado, para disciplinar socialmente o corpo a um tipo de uso e não outro; no momento presente, se procura fazer dele uma máquina de produzir e consumir bens. O espaço planejado exerce influências e limita as atitudes do corpo, principalmente quando este espaço foge da escala humana, é redimensionado para percursos motorizado ou reduzido a metros quadrados de habitação. O indivíduo é inserido num sistema de procedimentos e opções para seus movimentos. A tendência disciplinar dominante é produzir um corpo para as operações de trabalho e consumo, reduzir o sujeito a sua condição de força produtiva e nesta condição ele é um produto de consumo. Um corpo integrado ao espetáculo da vida moderna, condicionado a certos locais, a certas compras, a deslocamentos longos, ao sistema de transporte, à mídia etc. Dentro da relação contraditória entre o desejo e a realidade do capital, o sujeito urbano para sobreviver e ter uma vida social acabou ele próprio fazendo o controle minucioso do seu corpo, aceitando comportamentos e rejeitando outros.

"Em toda sociedade, todos sabem e devem saber ou aprender, aquilo que devem fazer em todas as condições. naturalmente a vida social não é isenta de estupidez e anormalidade"⁵²

"Toda uma problemática se desenvolve então: a de uma arquitetura que não é mais feita para ser vista (fausto dos palácios), ou para vigiar o espaço exterior (geometria das fortalezas), mas para permitir o controle interior articulado e detalhado - para tornar visíveis os que nela se encontram; mais geralmente, a de uma arquitetura que seria um operador para a transformação dos indivíduos: agir sobre aqueles que abriga, dar domínio sobre seu comportamento, reconduzir até ele os efeitos de poder, oferecê-los a um conhecimento, modificá-los."⁵³

A cidade e sua arquitetura, ao abrigar o indivíduo, inventa técnicas, códigos, mecanismos de administrar comportamentos, para assim efetuar um ajustamento social. Ela é organizada a partir de um modelo de acampamento hierarquizado, onde o corpo é submetido a proibições e obrigações, submetidos a

leis. A disciplina produzida na cidade regulariza, organiza e inspeciona os cuidados e as operações do corpo. Em espaços hierarquizados o corpo é treinado para incorporar comportamentos exigidos e necessários à ordem social e funcional, é inserido num jogo de relações de poder nas instituições da cidade que frequenta, no exercício de sua cidadania. "O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares."⁵⁴ Os diversos compartimentos da cidade são codificados para o exercício de práticas determinadas e a disciplina, enquanto norma de regularizar e intermediar as práticas sociais, molda atitudes do corpo para que ele possa se ajustar a esses compartimentos.

O corpo é objeto e alvo de um saber que o acomoda no interior de um conjunto de regulamentos; na cidade moderna, tal conjunto é formulado por uma civilização otimista com relação à razão técnica e científica, que despreza os valores do corpo, não se aprende com ele, ao contrário, se ensina ou se aplica a ele conceitos de saúde, de higiene, de educação, para adaptá-lo a um modelo político social, como uma questão, até, de segurança nacional. Na sociedade contemporânea ocidental, o planejamento da cidade e o desenho de sua arquitetura, principalmente em momentos críticos de reivindicações sociais e de transformações políticas, refletem os modelos de práticas de controle e vigilância, inventam os espaços preventivos contra as subversões ou revolta da população que reivindica o direito de viver sua intimidade⁵⁵, e rejeita as soluções impostas estranhas às necessidades do corpo. No decorrer da história, o saber sobre a cidade tem sido apropriado para projetar e realizar obras de interesses políticos com objetivos de controle e disciplina do sujeito urbano. É o que ocorre, por exemplo, na dimensão e na monumentalidade da arquitetura, na ordenação e na dispersão do território para impor limites ao corpo e seus movimentos.

O espaço urbano é estratégico e socialmente delimitado. Diante da dominação simbólica do espaço construído, o indivíduo disciplinado é relegado à impossibilidade de respostas. Na cidade da sobrevivência diária, o corpo, máquina de produção, é relegado a objeto de acumulação de capital, distribuído no espaço com base na sua participação na produção. Mas o corpo não é um aparelho programado que se locomove como coisa sem sonho e sem paixão, por territórios construídos para um desempenho social ou um gênero de socialização. Se ele não escapa das malhas do poder, ele se refugia em algum canto da cidade e se deixa levar pelo devaneio, sem recorrer às operações de indisciplina para se sentir livre.

"No Palace, não sou obrigado a dançar para estabelecer com este lugar uma relação viva. Solitário, ou pelo menos um pouco à parte, posso sonhar."⁵⁶

Na grande cidade, sob a regência do império do capital, o corpo é subordinado a um sistema disciplinar, limitado, muitas vezes, às sensações indispensáveis à vida. Claro que não se trata de uma situação irreversível: sempre se encontra formas alternativas de reviver sentimentos recalçados. "Em caixas superpostas vivem os habitantes das grandes cidades."⁵⁷ distantes de sua própria intimidade, numa solidão pouco desejável. Porém se pensarmos de outra forma: "Já que a vida só pode realizar-se na individuação - fundamento último da solidão -, cada ser está necessariamente só pelo fato de que é indivíduo."⁵⁸. Só que este indivíduo moderno, disciplinado para a realidade do capitalismo industrial, não opta pelo estado de solidão em que se encontra, nem se realiza nele. Materialmente se realiza no espetáculo da mídia e dos bens de consumo. Um corpo sem zona erógena, um corpo espetáculo, máquina, fabricado e disciplinado na rotina da vida urbana, ou o corpo que reproduz dentro de si a cidade da sobrevivência material.

A CIDADE E A EMOÇÃO

"Avec Baudelaire, pour la première fois, Paris devient objet de poésie lyrique. Cette poésie n'est pas un art régional, mais plutôt le regard d'allégoriste que touche la ville, le regard du dépaysé."³⁹

"A vontade de triunfar sobre uma emoção é, em última análise, apenas a vontade de uma outra ou de muitas outras emoções."⁴⁰

A cidade não é somente o espaço dominado pela sociedade para atender às necessidades de sobreviver e vantagens imediatas. Nela se acumulam informações, modos de vida de diferentes gerações que passaram, mas deixaram suas marcas para desafiar a memória de quem a observa. A cidade é objeto de uma história que não pode ser lida fora da produção social e da imaginação evocadas pelos elementos mais expressivos, inexplicável pela vontade do útil e do racional. Com poetas e filósofos, a exemplo de Charles Baudelaire, Edgar Allan Poe, Gaston Bachelard, Walter Benjamin, aprendemos que contemplar uma cidade é lançar um olhar poético. O contato visual e corporal com o urbano pode despertar um estado de emoção, é fascinação e estranheza ao mesmo tempo. Contemplar um território vivido é atribuir sentido, é um desafio de recriar uma realidade histórica inscrita na arquitetura, nos monumentos, nas ruas, nas praças. Não devemos desprezar totalmente as emoções e as paixões, elas são características do homem, quase nunca consideradas pelo saber sobre a cidade. "Felicidade e tristeza partilham a sorte comum a toda experiência de realidade..."⁴¹ A cidade não pode ser um conjunto, de lugares e imagens destinadas a pessoas que têm sonhos e fantasias limitados pela melancolia da divisão do trabalho.

A cidade é um conjunto de espaço, construções, monumentos, ou, sem dúvida, um conjunto de recordações, emoções e devaneios vividos pelo homem no seu dia-a-dia. Sobre o espaço da luta pela vida o homem projeta imagens de seu

próprio inconsciente, ele se transporta às coisas e aos lugares, ampliando o lado sensorial do conhecimento. A imagem urbana que ele vê tende a ultrapassar sua significação, porque acaba também revelando um relacionamento subjetivo do sujeito com a cidade. A tendência da cidade, idealizada no imaginário da indústria cultural, foi a de se constituir em um sistema fechado, onde a importância do espaço público ou privado se mede pelo valor de troca e não pelo valor de uso. O que mais marca o cenário visual e ambiental urbano, como símbolos autênticos de uma sociedade tecnológica, são as imagens de uma arquitetura, de construções divorciadas da intimidade, do humor e da emoção, com ênfase dada, sem ressentimento, à psicologia empresarial.

O império da razão pública se sobrepõe às razões individuais; mas as grandes cidades das lembranças individuais são vividas e chegam até a apagar, momentaneamente, o mundo real. Estas cidades construídas de sonhos não as habitamos mas elas não saem de nossa memória, adquirem o sentido da intimidade. Por isso, sem aquela capacidade bachelardiana de imaginar, que ultrapassa a realidade, deixamos de compreender porque: "Apesar de ser, no fundo um homem da cidade, Baudelaire sente o crescimento do valor da intimidade quando uma casa é atacada no inverno."⁴⁸ A cidade é também oniricamente habitada. Descartar suas articulações com o universo sensível é se contentar apenas com seu aspecto exterior.

Necessidade e utilidade são as qualidades mais urgentes que determinam a relação do sujeito com a cidade, diante da crise de alojamentos e espaços nos centros urbanos. "No entanto, o que significa a reflexão do ser humano sobre si mesmo e sobre o ser em geral, se for estranha aos mais intensos estados de emoção?"⁴⁹ O espaço construído deixa de fazer sentido, tornando-se indiferente, para atender a uma

necessidade mais imediata, é o que geralmente acontece com os conjuntos de prédios que nada acrescentam à cultura do sujeito e com as praças e avenidas exclusivamente desenhadas para a circulação e o estacionamento de automóveis. Cada vez mais se constata que o relacionamento do homem com o campo social, com o mundo exterior à sua volta contribui definitivamente para o sucesso e o insucesso de seu humor. Nas grandes cidades ele tem pago caro para satisfazer necessidades materiais e biológicas, que há pouca oportunidade para deixar fluir os investimentos da emoção; uma realidade cruel de desequilíbrios ecológicos e psicológicos.

"Por 'crueldade' do real entendo em primeiro lugar, é claro, a natureza intrinsecamente dolorosa e trágica da realidade."⁶⁴

"Eu resumo, nossos investimentos libidinais do campo social, reacionários ou revolucionários, são tão bem escondidos, tão inconscientes, tão recobertos pelos investimentos pré-conscientes, que só aparecem em nossas escolhas sexuais amorosas."⁶⁵

A cidade repete soluções, muitas vezes pouco desejáveis, sem qualquer preocupação com a linguagem, a fisionomia e a identidade da cidade. Bairros, conjuntos residenciais são marcados pela redundância e frieza. Nos centros comerciais e em bairros de alta renda encontramos coleções de fachadas exóticas, edifícios luxuosos, provavelmente arquétipos da vaidade de classe, quase sempre indiferentes ao morador e ao visitante. A beleza diz respeito à essencialidade da arquitetura e da cidade, mas uma sociedade regida pela legislação da centralização e de acumulação de bens e direitos, aliada a uma concepção ilimitada de desenvolvimento, levou o saber da cidade a se afastar do compromisso com o belo, com a cultura e com a ecologia, constituindo-se em um fazer que inventa uma cidade destinada a fins pragmáticos.

A precariedade de sentido e as insatisfações da ordem da efetividade apontam para o declínio de uma cultura, de um saber, de um princípio de utilidade e de uma economia, de um modelo de pensar e se relacionar com a cidade. As condições modernas de produção distanciam o homem das atividades de prazer, mas, contraditoriamente, este espaço vivido no cotidiano é um depósito simbólico de recordações tristes e alegres que fazem da cidade em textos literários e filosóficos um lugar de fantasia:

"Asja disse que a despedida de nenhuma outra cidade lhe havia custado tanto quanto a de Berlin, será que isto tem alguma relação comigo?"⁶⁶

"Evocando as lembranças da casa, acrescentamos valor de sonho; nunca somos verdadeiros historiadores, somos sempre um pouco poetas e nessa emoção traduz apenas, quem sabe, a poesia perdida."⁶⁷

"Os ardis da cidade já consumiam, sufocavam a minha coragem, já a sua doença me havia envolvido."⁶⁸

Para Aristóteles:

"... a cidade perfeita seria aquela que garantiria a todos a maior soma possível de felicidade..."⁶⁹

A cidade perfeita do progresso industrial, com suas máquinas sofisticadas, parece solucionar problemas urbanos, criando o ambiente ideal para o sujeito moderno. Porém este sujeito, com uma imaginação meio nostálgica, solitário e cercado por uma multidão, procura, muitas vezes, fazer algo para esquecer a si mesmo; esquecer o tédio do progresso moderno. Do ponto de vista do acúmulo do capital, do lucro fundiário, das relações de troca, não interessa o prazer, o lazer, a sexualidade sem estarem permeadas pela economia e pelas leis do mercado. Este sujeito tem o direito de ver, com seus próprios olhos, o seu entorno, mas vê em primeiro plano um mundo desenhado pela mídia. Vive condenado a habitar uma cidade estranha ao seu sentimento.

"O tédio é a consequência lógica da intimidade nessa relação de troca."70

"Falamos com muita frequência dos nossos sentimentos de prazer e dor como se nascêssemos velhos, como se cada um deles não tivesse história. Sobretudo, quase sempre ignoramos o que há de infantil ainda, por assim dizer, a maioria de nossos sentimentos alegres."71

Desconfiança, medo, insegurança, ansiedade etc deixam seus rastros na paisagem urbana. Uma cidade que não produz só a neurose, ela é neurótica na arquitetura da especulação imobiliária e no traçado urbano, mas as turbulências da emoção reprimida respondem à indiferença, através do que podemos chamar corrosivos de transgressão à disciplina social, que reivindica a presença humana, quer seja nos grafites, no carnaval, na ocupação descontraída de áreas da cidade, aproximando uma relação utilitária de dispositivos subjetivos.

A CIDADE E O TRABALHO

"Je considr que travailler pour vivre est un peu imbécile au point de vue économique. J'espère qu'un jour on arrivera à vivre sans être obligé de travailler."⁷⁸

"É pelo trabalho que o homem regula o mundo das coisas, é pelo trabalho que o homem se reduz, neste mundo, a ser uma coisa entre outras, é o trabalho que faz do trabalhador um meio".⁷⁹

"No dia em os habitantes de Eutrópia se sentem acometidos pelo tédio e ninguém mais suporta o próprio trabalho, os parentes, a casa e a rua, os débitos, as pessoas que devem cumprimentar ou que os cumprimenta, nesse momento todos os cidadãos decidem deslocar-se para a cidade vizinha que está ali à espera, vazia e como se fosse nova, onde cada um escolherá um outro trabalho, uma outra mulher, verá outras paisagens ao abrir as janelas, passará as noites com outros passatempos, amizades, impropérios".⁷⁴

Na sua origem o homem se distinguiu dos outros animais através do trabalho. Ele começou fabricando utensílios para utilizar na sua subsistência, depois para o uso supérfluo. Foi o caminho de conscientização pelo qual ele despertou da animalidade, inventou e desenvolveu técnicas, ampliou o limite de seu corpo, refreiu violências primitivas e estabeleceu um outro limite, com base na alienação e na exploração. "O trabalho e a utilidade material determinaram certamente, ou, pelo menos condicionaram comportamentos de povos ainda pouco civilizados, quer os religiosos, quer os profanos."⁷⁵ Finalmente o trabalho passou a ser o objeto principal do homem da cidade, ele passou a fabricar todo tipo de objeto para fazer do cotidiano um cenário de desperdício e do acúmulo de riquezas materiais. Na sociedade moderna industrial o indivíduo perdeu o controle do resultado do seu trabalho e, para adquirir bens e serviços indispensáveis à vida urbana, ele é obrigado a vender sua capacidade de trabalho. Esta necessidade de trabalhar, para ter direito à cidadania, condicionou o homem a um estilo de vida que tem como meta principal a sobrevivência econômica.

"A introdução do trabalho no mundo substitui, de imediato, a intimidade, a profundidade do desejo e seus livres desencadeamentos, pelo encadeamento racional onde a verdade do instante presente não mais importe, mas sim o resultado posterior das operações." 74

O direito de nada fazer e circular pelas ruas da cidade ao sabor do acaso, é uma coisa rara,. Se o homem precisa de distração e repouso para recuperar a vontade de produzir e consumir, ele os encontra na publicidade, no "shopping", no restaurante, no bar, nas fantasias culturais do cotidiano. Nos centros urbanos, cada vez mais se aprecia menos esse conceito moderno de trabalho, que se sobrepõe aos valores que motivam o ser humano, suportável, ou melhor, desejado em função do medo à existência econômica. É preciso ter uma profissão, participar ativamente da produção: o trabalho surge então como um insulto ao homem, ele reivindica redução da jornada do trabalho, para se dedicar mais à cultura, aos lazeres, à formação profissional, mas precisa garantir uma receita para suas despesas. Este clima de tensões e frustrações da cidade do trabalho provoca alterações no equilíbrio psicológico, pesando ainda mais as condições de saúde da população economicamente ativa.

Geralmente o homem urbano transita em territórios codificados para a realização de operações submetidas às leis do trabalho. Os serviços e bens de apoio ao lazer dependem do poder aquisitivo, que vem justificar o desejo contraditório do trabalhador de reduzir a jornada de trabalho e imediatamente se inserir em uma outra jornada para complementar o orçamento doméstico e os gastos com a diversão, o lazer, a colônia de férias. Quanto mais aumenta as insatisfações com o trabalho assalariado e se reduz o poder aquisitivo para se ter acesso aos serviços urbanos, aumenta mais ainda a necessidade de trabalhar. O lazer considerado como possibilidade do indivíduo libertar-se das tarefas repetitivas do cotidiano, é mais uma atividade programada de compensação e recuperação de fadigas físicas:

é também uma mercadoria rentável para a indústria do turismo, da ociosidade e das férias. O trabalho é o principal meio de aquisição dos bens e serviços do ócio, que tem nos fins de semana das grandes cidades, um aumento considerável de demanda, uma busca meio desesperada e conativa da quem precisa de um passatempo ligado ao ócio para se livrar dos aborrecimentos da rotina. No dizer de Nietzsche:

"A ociosidade pesa muito às raças laboriosas: foi o golpe de mestre do instinto inglês fazer do domingo um dia santificado e aborrecido a tal ponto que os ingleses inconscientemente desejam que cheguem depressa os dias da semana, os dias de trabalho; o domingo torna-se assim uma espécie de jejum sabiamente disfarçado, sabiamente intercalado, como frequentemente se encontra no mundo antigo (embora, como acontece com as nações meridionais, não diga respeito exatamente ao trabalho)".⁷⁷

Para os desempregados o domingo deve ser um dia como todos os outros, destinado ao lazer prolongado, ou mais um dia de um trabalho atóxico, sem direito a remuneração, mas com todos os direitos de toda a vida. De quem vive um dia angustiante de procura de trabalho, pois de que adianta tempo livre, sem as condições econômicas para sustentar as horas de lazer, que costumam plé dias de trabalho.

"Se as tardes de domingo fossem prolongadas durante meses, o que seria da humanidade, emancipada do suor, livre do peso da primeira maldição? A experiência valeria a pena."⁷⁸

Viver na cidade é viver um cotidiano carregado de tarefas e coisas supérfluas que vão se amontoando com o passar do tempo. A reflexão sobre a cidade também remete a uma interrogação sobre o conjunto de atividades do cotidiano, nas práticas de vida que refletem um cultivo urbano voltada para interesses do mundo da produção e não para as exigências da personalidade, do prazer ou do lazer. A formação do homem urbano é dirigida para o conceito de trabalho cujo sentido é ampliar o rendimento da produção.

na atividade alienante. O próprio lazer, quando proporcionado, já pressupõe uma ocupação geradora de capital. Hoje em dia, se põe em dúvida as atuações da arquitetura e do urbanismo na organização do espaço físico da habitação, do trabalho, de circulação, do lazer, na busca de soluções que facilitem o sistema de vida e o cotidiano do homem na cidade. O percurso e a convivência nas ruas não sempre mais difíceis, para o usuário, são nos momentos de deslocamentos entre a habitação e os lugares de funções indispensáveis.

Depois da Revolução Industrial, a cidade se tornou um lugar de fuga da população rural. A população cresce muito mais que a oferta de trabalho, lazer, habitação, serviços, fazendo do cotidiano um espetáculo onde todos acabam exercendo um papel de ator, desconfiados uns dos outros, preocupados com obrigações como: trabalho, prestações, saúde, segurança, etc. "Dans la rue, je participe. Je suis spectacle pour les autres."⁹⁹ Solidariedades, somente na forma de representação, nos gestos ou nas circunstâncias comuns. Uma multidão submersa numa rotina carnic de um sentido mais amplo, que encontra na comercialização de sua força de trabalho a condição para alcançar a periferia do paraíso capitalista.

"Dans la cotidienneté, nous affrontons au coeur de notre vie ce que les moyens énormes de la technique moderne ne parviennent pas à maîtriser, et peut-être ne maîtrisent qu'en la détruisant: spontanéité, rythmes physiologiques, questions de santé et de vitalité, voire passions et résurgences d'espoirs illimités."¹⁰⁰

O cotidiano de consumo, serviços, divertimentos, atividades recreativas, sim, mas acima de tudo, de trabalho. Os mais avançados instrumentos técnicos mudaram rapidamente a fisionomia da cidade, construíram os novos ambientes do mercado de trabalho e do mercado de lazer, diante da necessidade diária de quem ainda alimenta uma esperança de transformar socialmente o vilão de vida. Somente o certo,

que compra das agências de viagens: o sol, o mar, o clima e todas as vantagens da natureza, pode desconhecer o cotidiano de uma cidade desconhecida, admirado com os monumentos e a transparência da história ou decepcionado e preocupado com a insegurança e o modelo de progresso adotado. Os heróis anônimos, os que habitam à margem da sociedade, como se fossem lixo humano, jogados fora da diversidade e dos fascínios da vida mundana: os habitantes da periferia, das invasões, das favelas, dos conjuntos residenciais, se acomodam distantes dos prazeres e das tentações da cidade. Um cotidiano essencialmente de trabalho, de lutas, cercado de símbolos que apontam para as disparidades, a transitoriedade, o medo e a necessidade de produzir para consumir. A imagem contraditória que a modernidade nos deixou como forma de existência material e como recordação.

A CIDADE E A ARTE

"Quando melhor se compreende uma obra de arte, tanto mais ela se revela segundo uma dimensão, tanto menor, porém, ela elucida o seu elemento enigmático." *CONSTITUTIVO* 81

"Não é apenas a criação da obra que é poética, mas também é poética a salvaguarda da obra, só que à sua maneira própria; com efeito, uma obra só é real como obra na medida em que nos livramos do nosso próprio sistema de hábitos e entramos no que é aberto pela obra, para trazeremos a nossa essência a persistir na verdade do ente." *82*

A arte nos ensina a olhar a cidade com os olhos da poética e do pensamento. A arte pertence a um sistema inventado por ela própria, além dos pessimismos e das verdades, e sua inserção na cidade cria um novo relacionamento entre o sujeito e sua razão de viver ou contemplar o lugar habitado; uma relação poética e reflexiva. Seu objetivo não é enfeitar a rua, é contribuir para reverter o processo de banalização da imagem urbana. Ela ocupa o espaço público sem a pretensão de exercer a funcionalidade dos equipamentos e serviços urbanos, acirrando ou amenizando contradições da ordem da visualidade. Pode ser utilizada também como maquiagem para disfarçar contrastes e confrontos, e quando apropriada para cumprir um papel que não é de sua natureza, neste momento ela deixa de ser arte ou perde sua condição de obra poética.

Nas grandes cidades com problemas graves de saneamento, habitação, transporte etc, os investimentos são quase sempre destinados à construção de obras híbridas. Seus pontos focais, aqueles que servem de referência, não são determinados pela poética, são determinados pelos marcos visuais mais indelével e monumentais. A incorporação da arte no ambiente urbano pode se dar através de outras manifestações, além dos suportes tradicionais como a escultura e a pintura; a própria arquitetura, as imagens da publicidade, o "design" dos equipamentos urbanos. Com uma diferença, nestas outras manifestações domina uma

funcionalidade formal, no caso da publicidade, ela tem uma função de invadir o espaço público para vender um produto, uma arte que mantém uma relação positiva com a produção industrial. De forma que na cidade moderna as ruas e praças não têm a mesma ambiência das ruas e praças tradicionais, a valorização do espaço da cidade com a presença da arte passa por um desenvolvimento histórico.

A cultura fala através da organização física e visual da cidade, ela se manifesta na relação dos elementos construtivos e definidores da qualidade ambiental, entre si e com o todo, na manutenção e na preservação do patrimônio ambiental. As intervenções da arte no espaço público falam de uma relação do homem com o cidade acima das relações utilitárias. O espaço urbano, quando embelezado por uma "estética" de reconciliação da arte com a sociedade industrial, onde a arte passa a ser um suporte de mensagens, objeto solucionador de problemas fora de seu campo específico, a cidade perde a noção da surpresa e da novidade, perde o calor e a fantasia do belo; se perde ainda as relações entre os significados do espaço plástico e os significados do espaço vivido, fora da cultura do "útil e do agradável". Historicamente, a estética deste lugar guarda uma memória de lutas, trabalho, pensamentos e devaneios de gerações. "A cada povo sua personalidade, a cada cultura seus valores morais, suas tradições políticas, suas regras de comportamento."⁹³ A cidade necessita da arte para construir seu espaço sensorial, cultural, e mais, inventa os monumentos estranhos onde o homem sublima sua intimidade e realiza-se enquanto sujeito do mundo. "Em seus mitos estranhos, em seus ritos cruéis, o homem está antes de tudo em busca de sua intimidade perdida."⁹⁴ Para se livrar da sua fragilidade diante da ameaça do tempo e dar forma à sua intranquilidade e ao seu desejo perdido de vencer a história, o homem inventa com a arte os símbolos secretos e

fantasmáticos e os deposita, entre outros lugares, no espaço urbano.

A paixão de construir monumentos, formas estéticas, para fazer da cidade um lugar poético é uma forma do homem buscar uma identidade com a cidade. Assim ruas, praças e edificações vão incorporando significações além da função que exercem, passam a fazer parte da memória, das extravagâncias, do sentimento e da racionalidade de um povo ou geração. Quando uma cidade despreza a arte, perde sua cor e sua poética, ela não está bem, não passa de um depósito de serviços.

"A arte exerce sobre o corpo e as paixões uma influência que o legislador deve regulamentar e utilizar à maneira dos regimes que a medicina hipocrática recomendava que seguissem para gozar de boa saúde."⁶⁵

"As obras de arte são como peça de uma investigação psicológica. A arte da grande cidade, que começa com um conjunto de relações sociais, independentes, produz ficções e estilizações do eu."⁶⁶

"Que a arte, por um lado, se oponha à sociedade na sua autonomia e, por outro, também ela seja social, é uma das leis de sua experiência."⁶⁷

Com a arte se introduz na cidade um comportamento mais perceptivo, diferente das atitudes do cotidiano, uma forma de ver a cidade calcada na liberdade da imaginação. Ruas, bairros, habitações, passam a fazer parte de um imaginário, passam a conviver com um certo encanto, ganham novos significados para os usuários, porque a arte pertence ao mundo da fantasia.

"... o belo é objeto de uma satisfação desinteressada."⁶⁸. O belo inspira o indivíduo a viver sua individualidade livre do esquema rígido e impessoal do cotidiano pragmático. A arte, ao contrário do conjunto de signos urbanos que informam ordens de serviços, orientam o usuário a como se comportar ou se deslocar no espaço, ela devolve ao sujeito

sua intranquilidade perdida, e o prazer de estar diante de um repertório de imagens, com a liberdade de interpretá-las a seu modo ou ver nelas suas próprias inquietações, ou seja, um suporte onde ele lança um olhar descontraído para responder a uma vontade inconsciente de imaginar.

A arte, a rua e suas relações com o entorno, passam por relações e interferências ligadas a estados psicológicos do homem e à liberdade do artista, principalmente depois da modernidade, com um indivíduo que pensa e cria para si uma obra, dentro de uma experiência individual, social e histórica. O processo de inserção da arte na cidade não se reduz a finalidades utilitárias de estetizar e racionalizar o espaço social. A arte é um objeto cultural e histórico, sujeito à influência de situações econômicas e sociais, à influência da moda, do mercado e é, ao mesmo tempo, um objeto de contemplação subjetiva. Sua intervenção na cidade é um meio de ressignificar o espaço urbano e trazer à superfície imagens diversas e inquietantes por onde circulam prováveis emoções e orgasmos secretos e silenciosos de uma sociedade.

"As obras de arte tornam-se aparições no sentido mais rico do termo, aparições de um outro, quando o aceito incide sobre o caráter irreal de sua realidade."⁹⁹

A arte não imita nada, ela ocupa um lugar no mundo, à espera do olhar do outro, como objeto enigmático de revelação daquilo que foi esquecido pelo visível. Ela ocupa um pequeno lugar neste espaço de lutas, de acontecimentos históricos, de sonhos e devaneios. A visualidade urbana condensa uma carga simbólica, que significa o processo contínuo de construção e reconstrução da cidade e do homem. Obras de arte e monumentos erguidos em praças públicas significam o aparecimento do imaginário que interliga a paisagem com a referência do enigma. A cidade é uma habitação coletiva e ela deve atender às necessidades materiais e psicológicas,

então ela precisa da fantasia do belo, da arte, para não reduzir a utilização de seus espaços e equipamentos ao tédio das razões concretas.

A CIDADE E SUA IMAGEM

"A beleza de certas cidades dá testemunho de quão pouco a subjetividade que produz empiricamente sua unidade coincide com o sujeito estético constitutivo e mesmo a qualidade estética objetiva."⁹⁰

"É o humor de quem olha que dá a forma à cidade de Zenrude."⁹¹

"Findos os cheiros, como se, paradoxalmente, os progressos da poluição urbana expulsassem os perfumes domésticos, como se a "pureza" fosse uma forma "pérfida da poluição!"⁹²

O que a cidade mostra por fora são fragmentos da realidade do seu interior. Todas as imagens e impressões que atraem o olhar do visitante ou do morador, sempre têm significados além das qualidades e verdades percebidas. Interrogar sobre a imagem de uma cidade é fazer uma abordagem de sua realidade concreta e imaginária, reveladora de um mundo de relações sociais e econômicas, e um mundo de segredos mais íntimos, que são as imagens que o homem inventa para se aproximar ou ter uma relação de paixão com o lugar vivido. Uma cidade é, portanto, um conjunto de imagens, e uma imagem nunca é definitiva, nunca explicita uma única leitura. Há várias formas de se orientar e perceber uma cidade. Uma psicologia das imagens de uma cidade mostra uma ambiguidade entre a percepção e a realidade (esta identidade do mundo exterior). À medida que abrimos os nossos sentidos percebemos mais imagens, quando não é a nossa percepção que desenha, sobre imagens percebidas, uma forma de realidade influenciada por imagens de outra realidade. Uma imagem sempre influencia na leitura de outras imagens, e muitas vezes esta leitura está longe de ser a matéria concreta de que ela é fabricada.

Depois da Revolução Industrial, se criou uma realidade social, determinada pela especialização da mão-de-obra, divisão social do trabalho, aumento da população urbana e apropriação exacerbada dos recursos naturais, que

influenciou definitivamente na formação de uma imagem dominante. A cidade é a marca de um momento histórico, de uma política, expressão de uma cultura, e as economias dominantes, que por ela transitam, fixam ou sustentam sistemas simbólicos, protótipos de linguagens, para se justificar e garantir uma sobrevivência prolongada. As imagens da publicidade, a arquitetura empresarial, os sinais de trânsito e um conjunto de imagens rápidas e efêmeras, que aparecem e desaparecem sem construir fantasias duráveis, definem a cidade moderna. O planejamento e a arquitetura são solicitados para realizar os adornos de uma imagem, de micro e macro desenhos, para acomodar tecnologias, para forçar harmonias e interações entre diferenças irreverentes, ou para simular uma idéia de ordem. Para se entender o sentido do traçado urbano, a prioridade dada ao urbanismo rodoviário, o modelo de expansão urbana, é necessário se fazer uma leitura do que está por trás da imagem, numa sociedade onde tudo pode se tornar público, mediante a transparência do código.

"Tudo é retomado pela simulação. A paisagem pela fotografia, as mulheres pelo roteiro sexual, os pensamentos pela escrita, o terrorismo pela moda e pela mídia, os acontecimentos pela televisão. As coisas só parecem existir por este estranho destino. Pode-se perguntar até se o próprio mundo existirá apenas em função da publicidade que pode ser feita dele num outro mundo."⁹³

As legislações restritivas quanto à ocupação do uso do solo apenas dificultam a irreversível territorialização do mercado imobiliário: a expansão horizontal e vertical e desordenada, a fim de manter o realismo de uma imagem adequada às especulações e exigências de uma civilização, sem atrofiar definitivamente recursos naturais, aspectos paisagísticos e referências visuais. Cada cidade tem uma linha geral, um conjunto de significantes que estrutura sua superfície visível e explicita significados próprios e específicos que, do ponto de vista particular, podem mudar de sentido segundo o repertório ou o nível de percepção de

quem a apreende. Existem características topográficas e tipológicas na definição do desenho urbano, são os signos exclusivos e distintivos de uma cidade.

A voracidade da urbanização moderna alterou brutalmente a paisagem, o automóvel criou um novo cenário e mudou a relação do homem com o ambiente, como se fossem realidades diferentes. "... O homem e a sua natureza não são como dois termos um em face do outro, mesmo tomada uma relação de causação, de compensação ou de expressão (causa-efeito, sujeito-objeto etc), mas uma só e mesma realidade essencial do produtor e do produto."⁹⁴ Uma economia dominadora e perversa desperdiça ecogeradamente os bens da natureza para fins mercadológicos imediatos. Quando áreas verdes são preservadas por instrumentos legais ou por uma vaidade política, é para prestar serviços, como se não houvesse um sistema ecológico, uma qualificação ambiental. Ler os signos urbanos é identificar o modo do processo de planejamento, suas leis e os códigos tipológicos que embelezam e dissimulam sua realidade, assim como, "...o pintor contemporâneo não considera mais a imagem como um simples substituto de uma realidade sensível."⁹⁵ A imagem ambiental urbana mede o valor e a qualidade do território urbano, o grau de relacionamento e a troca de experiências entre os indivíduos. Ela se forma a partir das imagens que vemos, codificamos e imaginamos, nessa imensidão de signos que desenham o real e o imaginário de uma cidade.

"Eu via desfilarem ruas, casas, cartazes, sinais vermelhos nas esquinas, os grandes ônibus que ultrapassávamos e me surpreendia com a extensão do trajeto, quando, de repente, percebi que havíamos parado e que o chofer saía para abrir-me a porta."⁹⁶

"A imensidão é, poderíamos dizer, uma categoria filosófica do devaneio. Sem dúvida, o devaneio se alimenta de espetáculos variados, mas, por uma espécie de inclinação nata, contempla a grandeza."⁹⁷

O limite e o destino de uma cidade nos é dado primeiramente na forma, na multiplicidade e nos detalhes de sua imagem. Para o usuário, o limite ou o domínio do espaço urbano depende de referências econômicas e culturais, cada indivíduo pode captar uma imagem diferente de uma mesma cidade. Existem limitações na percepção e na imaginação da imagem urbana. O processo de significação da imagem é complexo, na verdade ela não provoca as mesmas sensações na sua população diversificada e dependente de meios extremamente diferentes. Existe uma percepção e uma interpretação de grupo, de gueto, de classe. São diferentes sistemas de vida na cidade moderna, que se cruzam, se encontram no espaço físico e se desencontram no espaço sócio-cultural, que formam e interpretam diferentes imagens urbanas.

A paisagem cultural e natural de uma cidade é construída de imagens ambíguas e contraditórias, que são apropriadas ou apreendidas a partir de múltiplas leituras convenientes com os repertórios das diferentes faixas de renda. Aos diferentes modos de apropriação da sinalética urbana se associam diferentes intencionalidades e sentidos contraditórios. A industrialização é a protagonista da renovação da imagem urbana moderna que instituiu uma nova situação social e uma política de organizar o texto urbano. Novas imagens vão substituindo ou se impondo diante de velhas imagens, testemunhando uma civilização que contempla o devaneio efêmero e o poético da máquina.

A CIDADE E O ESPAÇO PÚBLICO

"Homens e grupos que se movem em suas ruas têm a solidão ao redor."⁹⁸

"Para julgar, para gostar, é preciso vir e ficar, de modo a poder percorrer todas as nuances dos lugares, das estações, dos tempos, das luzes."⁹⁹

"Somos hipnotizados pela solidão, hipnotizados pelo olhar da casa solitária."¹⁰⁰

Atualmente poucos se sentem à vontade nas ruas e praças das grandes cidades. A vida pública vem se transformando numa obrigação formal e, num estilo apressado, as pessoas se cruzam com medo umas das outras. O lugar público, que sempre foi louvado como um livre estabelecimento para o encontro de pessoas estranhas, vem se transformando, com a vida moderna, no espaço cotidiano de uma multidão carente de segurança, e com isso, perde-se o hábito da vida pública, desequilibrando a relação entre o público e o privado. A vida nas grandes cidades nunca foi um paraíso sem conflitos, mas era considerado um privilégio; a vida pública era um cenário cosmopolita de intensas atividades sociais, com trocas de gentilezas e solidariedades, pelo menos para quem tinha direitos reservados de usufruir de serviços, fantasias e símbolos da cultura urbana.

As ruas e praças com sua infraestrutura cultural e social ofereceram ao homem seduzido pela vida pública o lugar ideal para o exercício de inquietações e contradições, o lugar de viver a diversidade e a aventura. A natureza da geografia

pública era mesclar pessoas, oferecendo atividades diversificadas e oportunidades de encontro com o desconhecido, quando o desconhecido não era uma ameaça à segurança. Este céu industrializado e urbanizado, por determinações de um progresso alheio às necessidades coletivas e exigências do sujeito urbano, passou a ser um precário abrigo de pessoas solitárias. O mito moderno da individualidade transferiu as significações pessoais segundo os objetivos da sociedade de consumo, para questões materiais. A movimentação de pessoas nas ruas e praças é uma atividade diária, mas determinada por motivações materiais, e carregada de tensões e ansiedades. O lugar público foi reduzido ao espaço de negócios, de realização de intercâmbios rituais e formais.

Aprendemos com o filósofo Gaston Bachelard que o espaço tem também a dimensão da fantasia, do imaginário e do poético, mas a estrutura social e o modelo produtivo/administrativo em vigor produziram nas cidades novos espaços carentes de sentido para a população. As reformas urbanas acabam ignorando o contexto das praças, não se preocuparam em produzir novas significações para se tirar proveito do espaço público, como lugar de atividades sociais espontâneas. Falta de motivos aliada à falta de tempo destruíram os centros de encontros. Um processo de construir e reconstruir equipamentos e espaços urbanos, à revelia dos seus usuários, levou a cidade à categoria de monumento

obsoleto. Há uma insatisfação com a moradia, com o transporte, com o trabalho. "O homem no entanto não é apenas o ser separado que disputa um pedaço de recursos com o mundo vivo e com os outros homens";¹⁰¹ e a cidade é feita de uma rede de relações entre seus moradores, acontecimentos, passado e presente. Bairros, ruas e praças não são depósitos de população, eles guardam histórias e abrigam a fantasia poética. A credibilidade para com o espaço público entrou em recessão, principalmente depois das grandes obras de arquitetura e engenharia construídas para fazer publicidade do poder, sem responder às expectativas dos usuários.

"Os planejadores urbanos ainda precisam aprender uma profunda verdade que escritores conservadores já perceberam, embora tivessem feito mau uso dela: as pessoas somente podem ser sociáveis quando dispõem de alguma proteção mútua; sem barreiras, sem limitações, sem a distância mútua que constitui a essência da impessoalidade, as pessoas são destrutivas."¹⁰²

Não só a violência urbana afastou a população das praças, dos parques, das áreas de lazer, do centro da cidade; mas também a total ausência de desejo despertada por estes lugares. São territórios que de uma forma ou de outra não estão à disposição das pessoas, como deveriam estar, não atendem exatamente nem à necessidade, nem ao gosto. Não oferecem atrações diversificadas, nem associam o lúdico com o lógico, condições de vitalidade do lugar público. É, ao contrário, o espaço da indiferença e da ausência de civilidade.

adequada a um processo de crescimento que leve em conta a demanda dos indivíduos, o passado e o presente.

"Não há sentimento, por mais simples que seja, que não encerre virtualmente o passado e o presente do ser que o experimente, que possa se separar e construir um "estado", a não ser por esforço de abstração e análise."¹⁰⁵

Nos centros urbanos as pessoas praticam uma série de atividades, percorrem quilômetros de avenidas e terminam desfilando no espaço social seletivo de um "shopping", ou em algum outro centro comercial de porte menor, estimuladas por uma campanha publicitária. O desprezo dos espaços públicos por um descaso administrativo, por prioridades da economia dominante, suprimiu uma das funções da cidade, a de oferecer aos usuários um lugar para viver o descompromisso com as relações de uso ligadas às atividades de produção e de consumo. Talvez a nossa civilização não seja mais a que ocupa espaços livres e abertos, mas eles existem e é preciso reverter seu processo de decadência, recuperá-los para as atividades lúdicas, para a surpresa e a imprevisibilidade, devolvê-los para a ociosidade e a tranquilidade perdida. Oferecer estes pedaços de cidade às pessoas, para que elas venham a sentir vontade e prazer de os frequentar com a liberdade de preservá-los como propriedade pertencentes a uma coletividade.

A CIDADE E O TEMPO

"O homem consome seu dia em vinte e quatro horas."¹⁰⁶

"...O relógio como máquina técnica para medir o tempo uniforme, e como máquina social para reproduzir as horas canônicas e assegurar a ordem na cidade."¹⁰⁷

"A velocidade é o triunfo do efeito sobre a causa, o triunfo da instantaneidade sobre o tempo como profundidade, o triunfo da superfície e da objetividade sobre a profundidade do desejo."¹⁰⁸

Talvez a maior sentença do homem seja ter de enfrentar na pele a passagem irreversível do tempo, contrariando seu impossível propósito de conquistar uma eternidade. O tempo parece que anda depressa e o homem faz de tudo para retardar seus efeitos e prolongar sua existência; inventa deuses, mitos e crenças. Mas o tempo do trabalho, aquele que marca a existência material do homem, é controlado pelo relógio, é semelhante aos estados de tédio, parece longo e interminável, se precipita como vampiro sobre as horas de devaneios, (aquelas dedicadas aos sonhos diurnos), e altera a relação que o homem mantém com a natureza e suas atividades. Neste caso, o sentido do tempo é prolongar a disciplina da produção em turno, em série. Na cidade moderna, da máquina e da velocidade, o tempo é um produto, é dinheiro e deve ser gasto da forma mais rentável possível. Para não se perder tempo, até a hora livres devem ser ocupadas com outros tipos de atividades, diferente de outras civilizações, onde as viagens eram aventuras livres da temporalidade, como medida social.

Na Grécia antiga se viajavam sem relógios e sem destino, para lugares reais e irreais. Escritores de várias gerações e países viajaram por territórios desconhecidos, no tempo sem a marca do relógio e no texto, sem pressa do término da viagem. O objetivo central era a descoberta de um prazer inesperado. Acertos e desacertos passavam por longe da monotonia do tempo cronometrado e do espaço geográfico organizado pela repetição. O tempo era eternizado em subjetividades das peregrinações aventureiras. Bem diferentes destas pequenas viagens do cotidiano urbano, que são espécies de condenações com horas marcadas, para lugares conhecidos e para realizar compromissos.

"O tempo é subjetivo, porque o tempo tem um sentido e porque se o tem, é, nós somos tempo, como o mundo só tem sentido para nós porque somos mundo pelo nosso corpo, etc."¹⁰⁹

A sociedade ocidental transformou tudo em objeto de consumo, incluindo o próprio tempo, para produzir e acumular riquezas. Um jogo monótono com raras situações fora do cotidiano e da idéia de "falta de tempo". "Compreende-se finalmente que, nas sociedades com economia retardada, as necessidades de alimentação, roupa, moradia, são tais que os trabalhadores que já aderiram aos valores da civilização moderna desejarão provavelmente ganhar mais dinheiro que tempo livre."¹¹⁰ O tempo gasto nos pequenos deslocamentos repetitivos entre os vários pontos da cidade para realizar as tarefas de cidadão é irreversível e irritante, são

viagens curtas, prolongadas nos percursos e nas esperas. Há um circuito de peregrinações repetidas diariamente, onde grande parte do tempo desocupado é desperdiçado. O tempo abstrato da produção foi instituído a partir de meados do século XIX, quando as atividades urbanas perderam o vínculo com o tempo da natureza e ficaram subordinadas às 24 horas que divide o dia e acelera o progresso moderno. O homem passou então a definir seus afazeres segundo o tempo útil e apressado da produção. Com a Revolução Industrial a cidade passou a viver com o sonho ilimitado do crescimento econômico e uma política de controle e ocupação do tempo, causando-lhe um custo social e psicológico consideráveis. O ritmo desse tempo abstrato marcado pelo relógio passou a reger a cidade, a vida das pessoas e suas atividades de trabalho e ócio. /

No exotismo das viagens de férias também há pressa para gozar do tempo livre em divertimentos lucrativos para a economia e a indústria das viagens. Nos centros urbanos, o tempo é uma mercadoria consumida rapidamente, gasto de forma irregular nos meios de transporte que pouco atendem às demandas da população para os centros de compra, locais de trabalho ou de lazer. Os ganhos de tempo proporcionados pelo aumento da velocidade e da capacidade dos transportes, pelo novos hábitos de alimentação, não compensam o tempo consumido nas atividades burocráticas, nas filas, nas reuniões indispensáveis, na contemplação da televisão. Como

o rio de Heráclito que corre sem parar, o tempo deixa suas cicatrizes nos labirintos da cidade por onde passa o homem. Não há uma explicação convincente e válida para este tempo moderno que interioriza no sujeito o trauma do trabalho e da pressa.

"Entregue à fantasmagoria do espaço, é no espaço que ele percebe o tempo. Ferambulando pela cidade ele recorre às memórias nela depositadas e recorda-se de seu próprio passado."¹¹¹

Este ambiente urbano é veículo de histórias e de acontecimentos; é sinalizado por vários tempos, porque: "...a cidade serviu como foco para a vida social ativa, para o conflito e o jogo de interesses, para a experiência das possibilidades humanas, durante a maior parte da história do homem civilizado."¹¹², ela é o retrato de várias categorias de tempo: histórico, social, político, individual e coletivo. Para uns a cidade é o sonho de um projeto de aspirações e felicidades; para outros, é o lugar de decepções e desilusões, que o tempo jamais recuperará. "Sem suas dificuldades, sem suas angústias, a vida nada teria de apaixonante, de atraente..."¹¹³, sem dúvida, porém, no desequilíbrio do teatro urbano contemporâneo, a angústia pesa mais que a paixão. Há pressa, há urgência em tudo, em se livrar da jornada de trabalho, da escola, das competições, das filas. Enfim resta uma experiência de viajante em sua própria cidade, mergulhado no fundo de uma

noite, com o olhar de turista que vê imagens isoladas do tempo, como um álbum fotográfico.

A falta de tempo contaminou os habitantes da cidade, faz parte do seu cotidiano, nem a ociosidade dos fins de semana escapa. Há muito pouco tempo para os passeios e para as recordações, substituídos para muitos por viagens psicossomáticas, devido às preocupações diárias com as inconveniências da sobrevivência. Diante de aborrecimentos e frustrações, o peso insuportável do tempo destila a realidade mundana e apressada da cidade. A máquina não devolveu ao homem seu estatuto de ser social, confiável e livre, apenas aperfeiçoou os mecanismos de medir e determinar o tempo da produção e do consumo.

CONCLUSÃO

"Pensar é ensaiar, operar, transformar, sob a única reserva de um controle experimental onde se intervêm fenômenos altamente "trabalhados", e que os nossos aparelhos produzem em vez de registrá-los."¹¹⁴

"Nada é respondido porque nada foi verdadeiramente perguntado."¹¹⁵

O presente trabalho não deve ser interpretado como uma resposta à realidade da cidade, mas como uma leitura crítica voltada para levantar problemas a partir de realidade teóricas que o conhecimento impõe à cidade para interpretá-la. Estas leituras, ainda que genéricas, são parâmetros conceituais para se observar e contemplar o espaço urbano onde vive o homem moderno. Neste complexo espaço geográfico chamado cidade, o homem define o cotidiano de sua vida a partir da relação que ele mantém com o trabalho, o consumo, o lazer, os signos urbanos, os espaços da cidade que ele frequenta e com a microfísica do poder inscrita no próprio corpo.

Para se fazer uma leitura do cotidiano urbano, verificamos a necessidade de uma abordagem racional, mas pulverizada com os conhecimentos proveniente da experiência empírica, a emoção e a poética, porque a cidade ultrapassa a racionalidade geográfica e se instala no corpo e na memória do usuário urbano. Ela envolve uma existência humana. Nela vive um sujeito histórico que trabalha e consome, e um sujeito que conta. O trabalho da crítica e do conhecimento,

longe de reduzir a cidade à verdade do texto ou aos compartimentos teóricos, questiona e reimagina a realidade urbano. Foi o que tentamos fazer ao ler a cidade através da razão, dos signos, da mercadoria, da disciplina do corpo, da emoção, do trabalho, da arte, da imagem, do espaço público e do tempo. Um conjunto de realidades que sinalizam a cidade contemporânea.

Depois das certezas e dos dogmas de uma civilização que acreditou no progresso da ciência e da cidade, é o momento de rearticular a reflexão, destilar uma teoria sobre a cidade, com base em conhecimentos não mais distantes do fazer e da imaginação. "Débil seria o encanto do conhecimento se tanto pudor não tivesse de ser vencido para se chegar até ele."¹¹⁶ Conhecer é também viver a cidade como espectador que se envolve com ela, percorre suas ruas para colher sensações e para falar dela com um pouco de sensibilidade. Olhar a cidade agora é também desconfiar desses olhos técnicos e direcionados, que não conseguem ver além dos limites de parâmetros conceituais racionalizados. Falar da cidade dentro de várias percepções é buscar a responsabilidade profissional que deixamos de lado para nos preocupar com problemas alheios ao cotidiano e ao entendimento da política da cidade.

¹¹⁶os conflitos entre tecnologia e natureza, entre progresso científico e memória ou identidade histórica, entre racionalização social e interpretação cultural, e sobretudo a necessária superação de uma competitividade político-econômica baseada no acúculo

indefinido, exigem uma reformulação da relação cultural do homem moderno com a natureza, com a história e com os valores éticos e estéticos sucessíveis de modelar um futuro melhor."¹¹⁷

O espaço público e privado da cidade, não deve ser somente o espaço do consumo, da produção e da segregação social. A hiperrealidade do cotidiano é o palco do espetáculo da sobrevivência, da publicidade, de uma forma de ocupação urbana e uso do corpo, de outros estilos de vida e outras formas de ver o mundo que fogem dos padrões estabelecidos.

A hipótese de uma teoria "científica" sobre a cidade suscita dúvidas, corre-se o risco de se lançar um olhar apressado que vê de um único ângulo e à distância. As idéias podem não corresponder com a realidade construída. Em momentos como este, que estamos vivendo, que se fala tanto em crise do conhecimento e da cidade, é preciso abandonar certos paradigmas de pensar o espaço geográfico construído, quando estes tornam-se imprecisos para a compreensão de uma realidade. É preciso se criar novos paradigmas que contemplem a sensibilidade, o devaneio e o olhar crítico. A cidade é atravessada por interesses econômicos e políticos, o planejamento passa por interesses estratégicos de racionalizar o espaço habitado, a sociedade, a produção, o consumo e a distribuição do capital urbano, sem desconhecer que o espaço urbano é também um universo de imagens contraditórias, de informações e leituras variadas. A cidade é o centro onde o homem se reencontra com a sociedade e com

o mundo. Apropriada por conceitos, textos ou idéias, ela mostra faces diferentes de sua realidade.

"Quando olho as idéias, elas me parecem ainda mais inúteis que as coisas; desse modo, só adorarei as elucubrações dos grandes enfermos, as rumações da insônia, os relâmpagos de um povo incurável e as dúvidas atravessadas pelo suspiro."¹¹⁸

Podemos considerar a cidade como uma totalidade de eventos envolvendo um conjunto de pessoas num determinado espaço geográfico, econômico e social, espalhada em várias idéias, em vários interesses. Alterações ocorridas no processo de urbanização, na construção e reconstrução da cidade, sempre estiveram articuladas com as transformações do sistema político, econômico e cultural. Na sociedade moderna, a vigilância, a disciplina, a mercadoria e a mídia determinaram uma nova ordem urbana. O ambiente natural foi transformado em capital, a paisagem em cenário, o homem em espectador, consumidor e ator, que participa ao mesmo tempo da elaboração do espetáculo.

Pelo menos foi o que se constatou nestes fragmentos de leitura.

NOTAS (1ª PARTE)

- 1 - BARRÉS, Maurice. - Um Homem Livre. p. 62. Citado por
Rochelande, Gaston - A Poética do Devaneio. trad. Antonio de
Pádua Jamesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 139.
- 2 - CALVINO, Italo. - As Cidades Invisíveis, trad. Diogo
Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 12.
- 3 - RAMA, Angel. - A Cidade das Letras. trad. Emir Sadar. São
Paulo: Brasiliense, 1985. p. 100:101.
- 4 - DELEUSE, Gilles e Guattari, Félix - O Anti-Édipo. trad.
George Lamazire. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 229.
- 5 - OLIVEN, Ruben George. - Urbanização e Mudança Social no
Brasil. Petrópolis: Vozes, 1980. p. 13.
- 6 - DEBORD, Guy. - A Sociedade do Espetáculo. trad. Francisco
Alves e Afonso Monteiro. Lisboa: Afrodite, 1972. p. 162.
- 7 - Ver: BRESCIANI, Maria Stella Martins. - Londres e Paris no
Século XIX. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- 8 - BERGSON, Henri. - Introdução à Metafísica, trad. Franklin
Leopoldo e Silva. São Paulo. Abril Cultural col. Os
Pensadores, 1974. p. 20.
- 9 - HEIDEGGER, Martin. - A Origem da Obra de Arte. trad. Maria da
Conceição Costa. Lisboa: Edições 70, 1990. p. 59.
- 10- ROSSET, Clément. - O Princípio de Crueldade. trad. José
Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. p. 34:35.
- 11- CIORAN, E. M. Breviário de Decomposição, trad. José Thomas
Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. p.11.
- 12- BERGSON, Henri. - Op. cit. p. 30.
- 13- BATAILLE, George. - A Noção de Despesa. trad. Júlio Castañón
Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 27.
- 14- BARCHELARD, Gaston. - A Poética do Espaço. trad. Antonio da
Costa Leal e Lídia do Valle Leal. São Paulo: Abril Cultural.
col. Os Pensadores, 1978. p. 295.
- 15- ROUANET, Sérgio Paulo. - As Razões do Iluminismo. São Paulo:
Companhia das Letras, 1987. p. 12.
- 16- FINKIELKRAUT, Alain. - A Derrota do Pensamento, trad. Mônica
Campos de Almeida. São Paulo: Paz e Terra, 1988. p. 16.

- 17- NIETZSCHE, Friedrich. - op. cit. p. 27. *Verbo e Imagem* A TLTA. 1979. p. 27.
- 18- CALVINO, Ítalo. - op. cit. p. 21.
- 19- SUBIRATS, Eduardo. - *Da Vanguarda ao Pós-Moderno*, trad. Carlos Baker e Adélia Bezerra de Menezes. São Paulo: Nobel 1984. p. 2.
- 20- BACHELARD, Gaston. - *Psicanálise do Fogo*, trad. Maria Isabel Braga. Lisboa: Editorial, col. Estudos, 1989. p. 21.
- 21- BERGSON, Henri. - op. cit. p. 34.
- 22- BACHELARD, Gaston. *A Dialética da Duração*, trad. Marcelo Coelho. São Paulo: Ática S.A. 1988. p. 74.
- 23- LIOTARD, Jean-François. *A Fenomenologia*, trad. Armindo Rodrigues. Lisboa: Edições 70, 1986. p. 34.
- 24- BAUDRILLARD, Jean. *Kool Killer ou A Insurreição Pelos Signos*, in *Cine Olho*, n.º 5/6, trad. Fernando Mesquita. São Paulo: 1979. p. 36.
- 25- CALVINO, Ítalo. - op. cit. p. 18.
- 26- BAUDRILLARD, Jean. - op. cit. p. 37.
- 27- BENJAMIN, Walter. *Rua de Mão Única*, trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. ~~54~~ 56
- 28- RAMA, Angel. - op. cit. p. 53.
- 29- BENJAMIN, Walter. *HAXIXE*, trad. Flávio Menezes e Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- 30- BARTHES, Roland. *Incidentes*, trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Guanabara S.A., 1988. p. 17.
- 31- RAMA, Angel. - op. cit. p. 53.
- 32- TUAN, Yi-Fu. *Topofilia*, trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difusão Editorial, 1980. p. 166.
- 33- CALVINO, Ítalo. - op. cit. p. 14:15.
- 34- TUAN, Yi-Fu. - op. cit. p. 20.
- 35- ECO, Umberto. *A Estrutura Ausente*, trad. Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectivas, col. Estudos, 1971. p. 224.
- 36- BATAILLE, George - *A Parte Maldita*, trad. Julio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1975. p. 83.

- 37- BENJAMIN, Walter - op. cit. (Rua de Mão Única), p.73.
- 38- FERRARA, Lucrécia D'Alessio - *Leitura Semiótica da Cidade in I Semana de Semiótica*. Biblioteca Pública do Paraná. Curitiba: 1985. p.51.
- 39- DEBORD, Guy - op. cit p.31.
- 40- BATAILLE, George - op. cit. (A Parte Maldita), p.160.
- 41- Op. cit p.163.
- 42- BAUDAILLARD, Jean - op. cit. p.36.
- 43- ROUANET, Sérgio Paulo - op. cit. p.26:27.
- 44- ILLICH, Ivan - *A Convivencialidade*, trad. Arsênio Mota. Lisboa: Publicações Europa-América, 1976. p.98.
- 45- DUMAZEDIER, Joffre - *Sociologia Empírica do Lazer*, trad. Silvia Mazza e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectivas, col. Debate, 1979. p. 152.
- 46- BAUDRILLARD, Jean - *Sistema dos Objetos*, trad. Zulmira Ribeiro Tavares. São Paulo: Perspectivas, col. Debates, 1973. p.206.
- 47- BACHELARD, Gaston - op. cit.(A Poética do Espaço). p.200.
- 48- FOUCAULT, Michel - *Microfísica Del Poder* trad. p/ espanhol: Júlia Varela e Fernando Alvares. Madrid: Las Edicione de la Piqueta, 1978. p.156.
- 49- MAUSS, Marcel - *Sociologia e Antropologia vol.II*, trad. Mauro W. B. de Alcida. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1974. p.217.
- 50- FOUCAULT, Michel - *Vigiar e Punir*, trad. Ligia M. Fondé Vassallo: Petrópolis: Vozes, 1977. p.127.
- 51- FINKIELKRAULT, Alain - op. cit. p.24.
- 52- MAUSS, Marcel - op. cit. p.231.
- 53- FOUCAULT, Michel - op. cit (Vigiar e Punir). p. 154:155.
- 54- FOUCAULT, Michel - *A História da Sexualidade*, trad. Maria Tereza da Costa Albuquerque e J. A. Guihon Albuquerque. Rio de Janeiro: Grail Ltda., 1980. p.89.
- 55- "A intimidade conota calor, confiança, é expressão aberta de sentimento". - SENNET, Richard - *O Declínio do Homem Público*, trad. Lígia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p.17.

- 56- BARTHES, Roland - op. cit. p.51.
- 57- BACHELARD, Gaston - op.(A Poética do Espaço). p.214.
- 58- CIORAN E. M. - op. cit. p.63.
- 59- BENJAMIN, Walter - op. cit. (Paris Capitale du XIX Siecle). p.133.
- 60- NIETZSCHE, Friedrich - op. cit. p.76.
- 61- ROSSET, Clement - op. cit. p.28.
- 62- BACHELARD, Gaston - op. cit. (A Poética do Espaço). p.222.
- 63- BATAILLE, George - O Erotismo, trad. João da Costa: Lisboa: Morais, 1968. p.226.
- 64- ROSSET, Clement - op. cit. p.16.
- 65- DELEUZE, Gilles e Guattari, Félix - op. cit p.448.
- 66- BENJAMIN, Walter - Diário de Moscou, trad. Hildegard Herbold. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p.129.
- 67- BACHELARD, Gaston - op. Cit (A poética do Espaço). p. 201.
- 68- BUTOR, Michel - Inventário do tempo, trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. p.38.
- 69- GLOTZ, Gustave - A Cidade Grega, trad. Henrique de Araújo Mesquita e Roberto Cortes de Lacerda, São Paulo/Rio de Janeiro: Difel 1980. p.262.
- 70- SENNET, Richard - op. cit. p.24
- 71- BERGSON, O Riso, trad. Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. p.41.
- 72- DUCHAMP, Ingénieur du Temps Perdu, Entretiens avec Pierre Cabane. Paris: Belfond, 1977. p.26.
- 73- BATAILLE, George - op. cit. p.62 (O Erotismo). p.140.
- 74- CALVINO, Italo - op. cit p.62.
- 75- BATAILLE, Marcel - op. cit. (O Erotismo). p.102.
- 76- BATAILLE, George - (A Parte Maldita). p.95.
- 77- NIETZSCHE, Friedrich - op. cit. p.100
- 78- CIORAN, E. M.- op. cit. p.30.

- 79- LEFEBVRE , Henri - Psycho-Sociologia de la Vie Quotidienne in Du Rural a l'Urbain. Paris: Editions anthropos, 1977. p.99.
- 80- Op. cit. p.91.
- 81- ADORNO, Theodor W. ~~op. cit. p.142.~~ ^{TEORIA DA CULTURA, trad. ACTOR MORAIS. LISBOA: MARTINS} 1977. P.142
- 82- HEIDEGGER, Martin - op. cit. p.65.
- 83- FINKIELKRAULT, Alain - op. cit. p.17.
- 84- BATAILLE, GEORGE - op. cit (A Parte Maldita). p.95.
- 85- LACOSTE, Jean - A Filosofia da Arte, trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986. p.16.
- 86- SENNETT, Richard - op. p. 153.
- 87- ADORNO, Theodor W. - op. cit. p. 383.
- 88- LACOSTE Jean - op. cit p. 27.
- 89- ADORNO, Theodor W. - op. p.97
- 90- Op. cit. p.304.
- 91- CALVINO, Italo - op. cit p.64.
- 92- BARTHES, Roland - op. cit p.17.
- 93- BAUDRILLARD, Jean - America, trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p.29.
- 94- DELEUZE , Gilles e GUATTARI, Félix. - op. cit. p.196.
- 95- BACHELARD, Gaston - op. cit. (A Poética do Espaço). p.194.
- 96- BUTOR, Michel - op. cit. p.18.
- 97- BACHELARD, Gaston - op. cit. (A Poética do Espaço). p.316.
- 98- BENJAMIN, Walter - op. cit. (Rua de Mão Única). p.156.
- 99- BARTHES, Roland - op. cit. p.16.
- 100 - BACHELARD, Gaston - op. cit. (A Poética do Espaço). p.220.
- 101 - BATAILLE, George - op. cit. (A Parte Maldita). p. 61.
- 102 - SENNETT, Richard - op. cit. p.379.
- 103 - BUTOR, Michel - op. cit. p.127.
- 104 - SENNETT, Richard. - op. cit. p.19.

- 105 - BERGSON, Henri - op. cit. (Introdução à Metafísica). p.25.
- 106 - BENJAMIN, Walter - op. (Rua de Mão Única). p.224.
- 107 - DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix - op. cit. p. 179.
- 108 - BAUBRILLARD, Jean - op. cit. (América). p.2.
- 109 - LYOTARD, Jean François - op. cit. p.??.
- 110 - DUMAZEDIER, Joffre - op. cit. p.153.
- 111 - ROUANET, Sérgio Paulo - op. cit. p.76.
- 112 - SENNETT, Richard - op. cit. p.414.
- 113 - BATAILLE, George - op cit. p.78.
- 114 - MERLEAU- PONTY, Maurice. - O Olho e o Espírito, trad. Marilena Chauí. São Paulo: Abril Cultural, col. Os Pensadores, 1980. p.85.
- 115 - ROSSET, Clement - op. cit p.80.
- 116 - NIETZSCHE, Friedrich - op. cit. p.62.
- 117 - SUBIRATS, Eduardo. - op. cit p.110.
- 118 - CIORAN, E. M - op. cit. p 101.

2^{da} PARTE

TERRITÓRIOS ESPECIALIZADOS DA CIDADE

"A Luxúria dos Sentidos Contra os Desertos da Insignificância" ¹

Esta é uma viagem pelo cotidiano da cidade do Salvador, por territórios urbanos ou espaços públicos reservados a um determinado uso, ou simplesmente codificados pelo destino de uma sociedade injusta que se apropria dos sacrifícios de uma população para o exercício do consumo e da acumulação, até mesmo nos momentos de ociosidade. Viagem do olhar crítico acompanhado do devaneio de quem observa particularidades irreverentes destes espaços classificados por uma funcionalidade ou uma oferta de serviços indispensáveis para a vida urbana.

"Alguém me dirá: Você só fala do tempo que faz de impressões vagamente estéticas, em todo caso puramente subjetiva. Mas os homens, as relações, as indústrias, os comércios, os problemas? Entro nessas regiões da realidade à minha maneira, isto é, como meu corpo; e meu corpo é minha infância, tal como a história a fez". ²

"A fenomenologia da imaginação sugere que vivam diretamente as imagens como acontecimentos súbitos da vida". ³

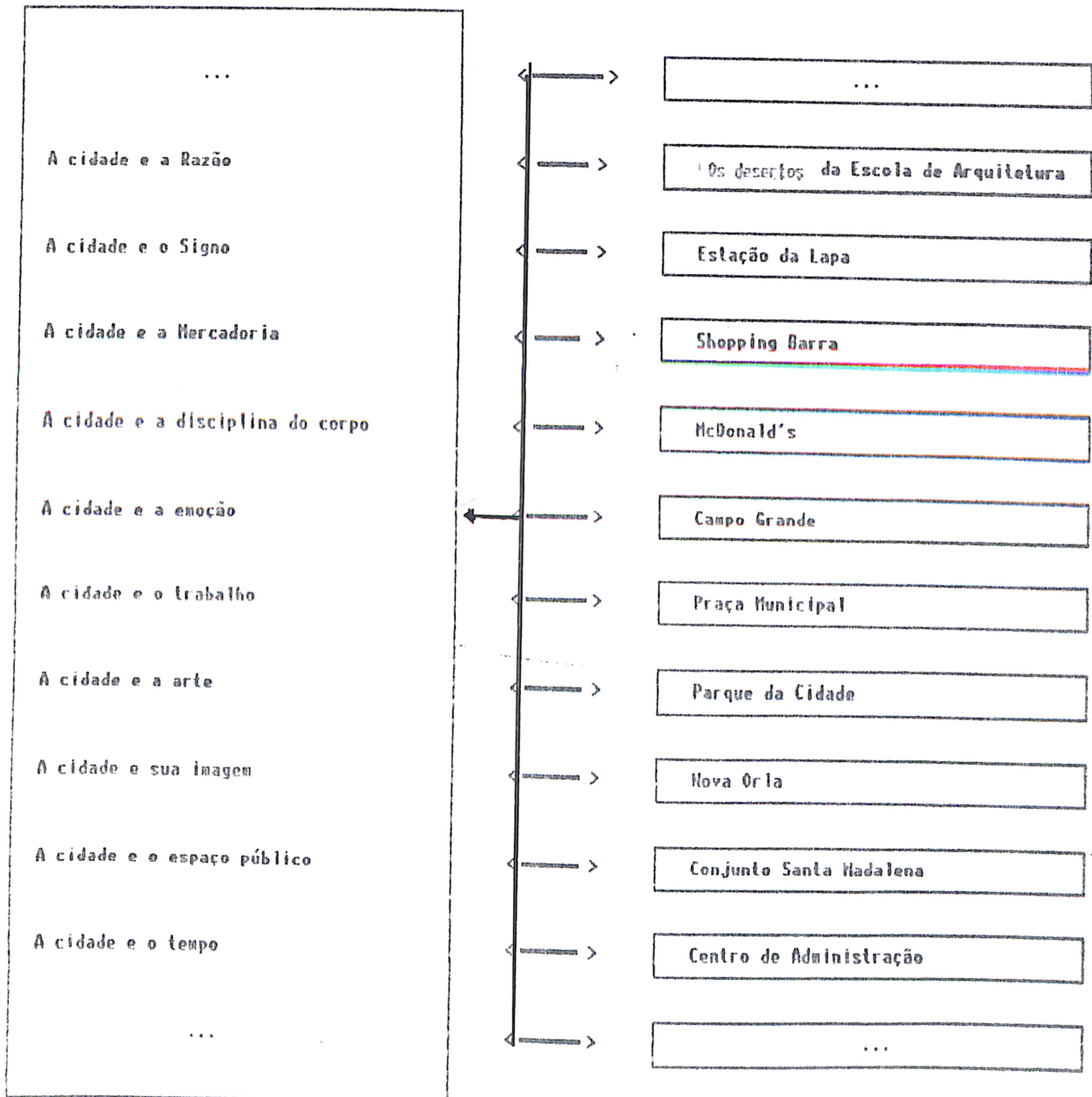
"Devemos primeiro dizer que nossos sentimentos tendem a dar um tom pessoal às nossas opiniões". ⁴

Selecionados pelo acaso da imaginação, esses objetos de análises são territorialidades descentralizadas, marcadas por uma demanda, uma moda, uma publicidade, sinalizadas por uma semântica ou quase por uma necessidade cotidiana de viver a cidade. Algumas vezes somos seduzidos, outras vezes condenados a circular e conviver nestes lugares sem experimentar verdadeiras situações de desejo, como autômatos a transitar e a gastar o tempo em atividades que geram retornos para a economia e para manter a ordem dominante.

Consciente ou inconscientemente é a necessidade de viver e trabalhar a cidade e a capacidade de adaptação do homem para sobreviver numa sociedade urbana, movida pelo consumo e pela produção, mesmo às custas de sacrifícios e despesas improdutivas e simbólicas.

ESQUEMA 03 - TERRITÓRIO ESPECIALIZADOS DA CIDADE

A Relação entre os Fragmentos conceituais e alguns espaços heterogêneos da cidade



OS DESERTOS DA ESCOLA DE ARQUITETURA



Foto 01:

Um vazio onde vive o cotidiano melancólico do conhecimento...

A escola de Arquitetura projetada em outros tempos, antes da reforma universitária⁶, quando a universidade era pensada como um território de conhecimentos e não como uma fábrica de um tipo de mão-de-obra especializada, dispõe de amplos espaços destinados ao trânsito e a convivência de estudantes com a informação e o lazer. Ou talvez um sonho modernista para justificar sua monumentalidade. Mas de qualquer forma a universidade era há pouco tempo um centro de encontro, onde a vontade de saber, o corpo e a afetividade se misturavam entre uma aula e outra. Hoje, esses espaços ociosos e desertos de pessoas, de significações e de idéias mostram a efemeridade do saber universitário e o individualismo de estudantes e professores, sem tempo de frequentarem as próprias aulas quanto mais participarem da solidariedade da

vida estudantil. "O deserto é a extensão natural do silêncio interior do corpo"?. Neste caso, de um silêncio de reflexão, resultado de uma reforma para dissolver o pensamento crítico sobre a prática do saber.

"O saber não é objetivo porque sua validade é comprometida por uma gênese extra-científica e funciona a serviço de fins extra-científicos".⁹

"Com efeito, o conhecimento constitui para o homem uma fatalidade e uma espécie de maldição, já reconhecida no Gênesis ("não provarás da árvore da ciência")...".

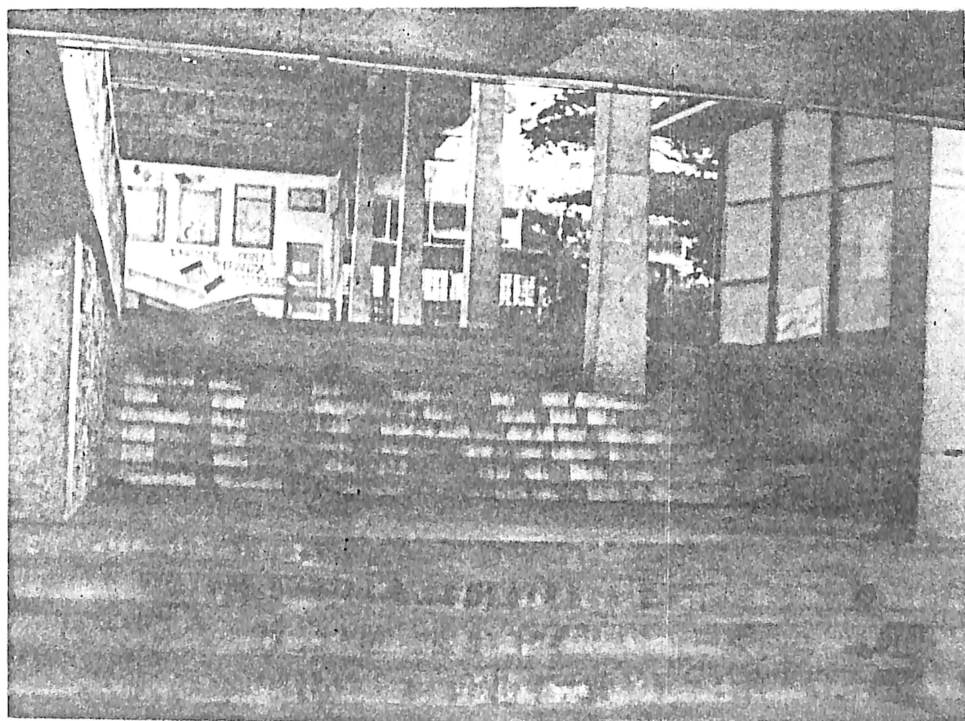


Foto 02:

Play ground, escadarias, patamares... ícones da modernidade na Arquitetura

Nestes vazios da escola de Arquitetura vive o cotidiano melancólico do conhecimento, o triunfo do saber descartável sobre o pensamento; reflete o deserto de uma cidade que sofre os sintomas de uma crise sobre seu próprio saber, de uma cidade privada de certas significações e fantasias. Enfim, é a fotografia de uma universidade que desenvolveu um 'know how' de discutir assuntos externos, como a política partidária, mas é incapaz de refletir sobre a qualidade do saber produzido no seu interior e sua finalidade.

Na Grécia Antiga, o aparecimento da 'polis' marca o domínio do conhecimento, uma nova vida social e uma relação entre os homens, "o que implica o sistema da polis é primeiramente uma extraordinária preeminência da palavra sobre todos os outros instrumentos do poder"¹⁰. Quando se sentia em desordem a cidade se dirigia aos sábios para solução de seus males¹¹. Hoje, o conhecimento da cidade passa pelo controle do Estado e pelo nivelamento cultural através da mídia, refletido na própria paisagem da escola de arquitetura.

Espaços de concreto armado: playground, corredores amplos, escadarias, patamares, que significam a presença da modernidade na arquitetura, um tempo, uma história. Na atualidade, esta escola não passa de um reservatório, onde as marcas do conhecimento são efêmeras, elas passam sem reterritorializar este deserto. O que acontece neste território é a eternização de uma crise: a do desejo de conhecimento. Faz parte do conjunto dos espaços solitários da cidade, onde a instabilidade do trabalho, o medo e a insegurança, se não causaram angústias, apressaram, individualizaram e espetacularizaram as pessoas.

"Confesso ser incapaz de me interessar pela beleza de um lugar se não há pessoas dentro (não gosto dos museus vazios); e, reciprocamente, pra descobrir o interesse de um rosto, de uma silhueta, de uma roupa, para saborear seu encontro, tenho

necessidade de que o lugar desta descoberta tenha seu interesse e seu sabor".¹⁸

Um monumento à própria arquitetura moderna, onde o estudante é o turista desencantado, que não se envolve com os sonhos e os significados desses espaços vazios; nem desconfia o que é uma escola: O lugar do exercício de uma 'violência simbólica' ou um instrumento da libertação dos homens, para os filósofos das luzes.¹⁹

ESTAÇÃO DA LAPA

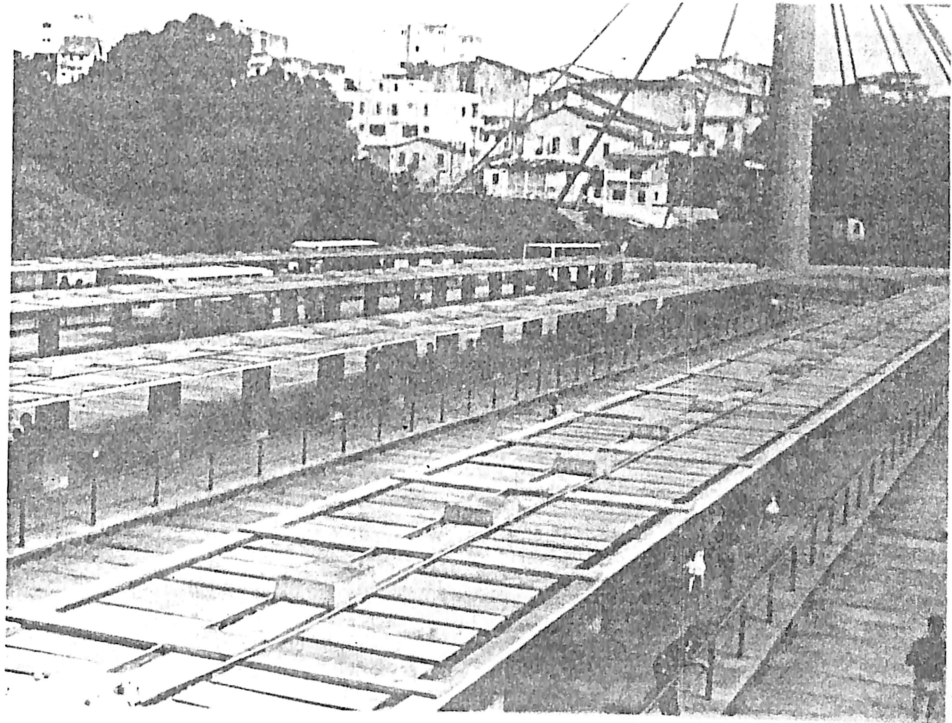


Foto 03:

A marca da indiferença pessoal de um espaço que não se chega a lugar nenhum.

A indiferença pessoal é a marca desse espaço público. Não há fantasia, não há imaginação, o que desgata o sentido de um equipamento de uso público. "A imaginação nos coloca diante de um mundo novo".¹⁴ Inaugurada em meados dos anos 80, o novo e a arte nunca passaram de miragens desconfortáveis: se não resolveu o problema concreto que se pretendia, individou ainda mais uma prefeitura falida.

Terminal de transportes coletivos que não leva a lugar nenhum, mas possibilita o acesso à área central da cidade, depois de uma caminhada por escadarias e espaços ociosos de circulação. Um pequeno campo de concentração viabilizado por um capricho político e não por uma solicitação da cidade.

Seus usuários condenados a longas filas, na espera, da forma mais deslegante possível, por um transporte desconfortável e ineficiente. Uma estrutura imponente que simboliza a falta de economia cultural e ecológica, o desperdício do poder público em construir grandes obras de arquitetura e engenharia, para expor seu balterofilismo e não resolver os problemas prioritários da população.

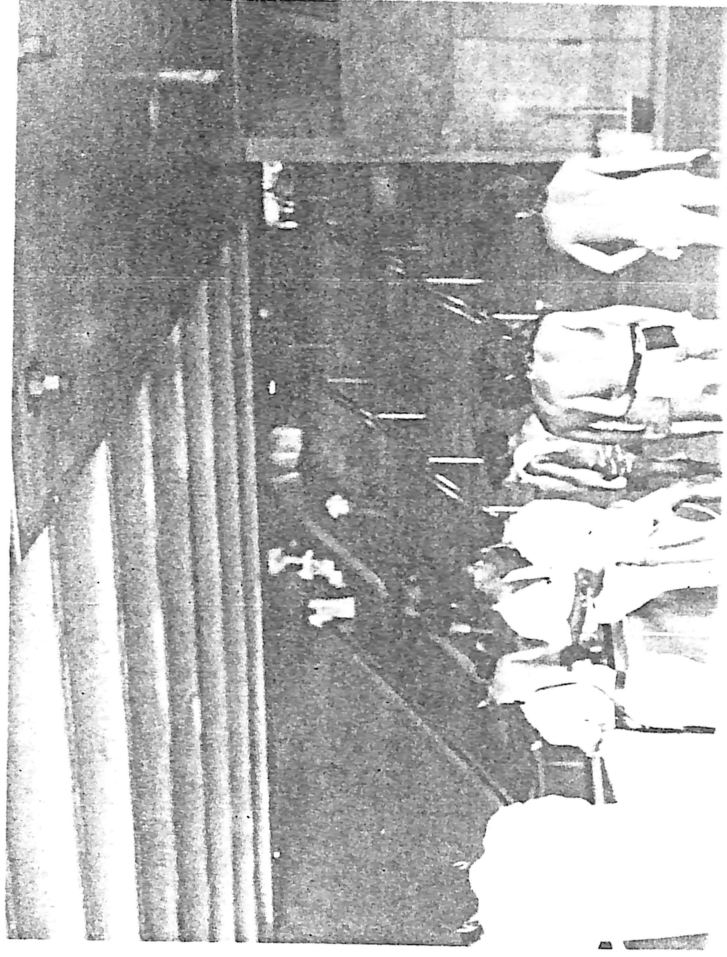


Foto 04:

Um lugar que causa o correio de quem o frequenta. Um território de passagem.

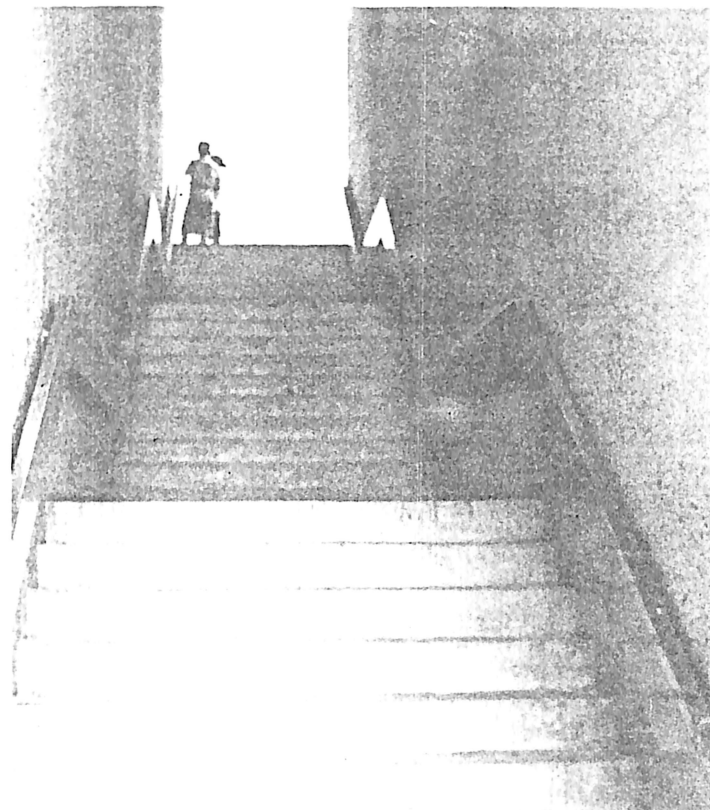


Foto 05:

Os incômodos de um percurso cansativo. Um espaço que quer ultrapassar a escala humana.

Um espaço público que já nasceu decadente, cansa o corpo de quem o frequenta e desperdiça o tempo. Sujeira, altos índices de poluição, manutenção onerosa, nenhum atrativo, nenhuma qualidade de lugar público, sua ocupação é apenas justificada pela falta de opção para se chegar ao centro, ou para se deslocar a outros bairros da cidade, uma vez que se trata de um ponto final de transportes coletivos. É um território de passagem, que uma grande parte da população que utiliza o sistema de transporte coletivo é obrigada a enfrentá-lo diariamente, com todos os incômodos de um percurso cansativo de quem quer se livrar logo desse lugar, como se fosse a continuação da jornada de trabalho.

"Para me sentir bem em um espaço, é preciso de fato que possa ir de uma referência a outra, habitar tanto um canto como uma plataforma, e, como Robinson feliz na sua ilha, ir confortavelmente de uma casa a outra"¹⁵.

Uma sintaxe urbana que comunica aos usuários uma total ausência de intimidade, onde eles se sentem estrangeiros diante de um código que seu corpo não domina, de um espaço que ultrapassa a escala humana. Na análise de Bataille "... Um sacrifício humano, a construção de uma igreja ou a dádiva de uma jóia não tinham menos interesse do que a venda do trigo".¹⁶ Estes desperdícios em construções monumentais fazem parte da história das civilizações, cada uma delas constrói as fantasias do seu poder.

SHOPPING BARRA



Foto 06:

"...O novo marco referencial para a imagem da cidade..."

Uma cirurgia urbana que modificou a organização simbólica de um bairro de predominância residencial, comprometeu áreas verdes, alterou o sistema viário e hábitos de moradores do entorno. Criou-se um novo marco referencial para a imagem da cidade, um novo espaço da realidade, talvez não tão cruel, do mundo da mercadoria. Como todos os shoppings, seu interior é uma micro cidade do capitalismo moderno, artificializada em todos os sentidos: iluminação, clima, solidariedade e emoção da compra. À publicidade e a erotização do universo do consumo. "O comportamento erótico opõe-se ao comportamento habitual como os gastos se opõem à aquisição".⁴⁷ Mas no Shopping Barra, com sua clientela mais selecionada que os outros shoppings da cidade, aquisição e gastos não são contradições, são opções de classe e significam status. Não há supermercados, nada que lembre o consumo de produtos mais imediatos, é um consumo mais selecionado.

"O apelo à publicidade estetiza, envolve a personalidade e a erotização do mundo das mercadorias: O homem é seduzido pelo objeto para se entregar ao circuito do capitalismo como obra de arte. O mundo social se desmaterializa, passa a ser signo, simulacro, hiperrealidade".¹⁹

"A publicidade cria um estilo de vida, é responsável por um padrão ideológico, por uma maneira de ver o mundo".¹⁷

Uma construção totalmente fechada para proteger a intimidade do consumo e da mercadoria. Totalmente impermeável à passagem do tempo. Apesar de próxima ao mar, no seu interior não há natureza, há uma completa sensação de segurança com relação ao vento, ao calor, à chuva, às oscilações meteorológicas, mais do que nos outros shoppings desta cidade. As modificações na sua organização funcional, quanto à disposição dos grandes magazines, boutiques, espaços de lazer, bares etc. não alteram o cotidiano de quem o frequenta. Bares e lanchonetes localizados no térreo, de fácil acesso, e, nos extremos, os grandes magazines.

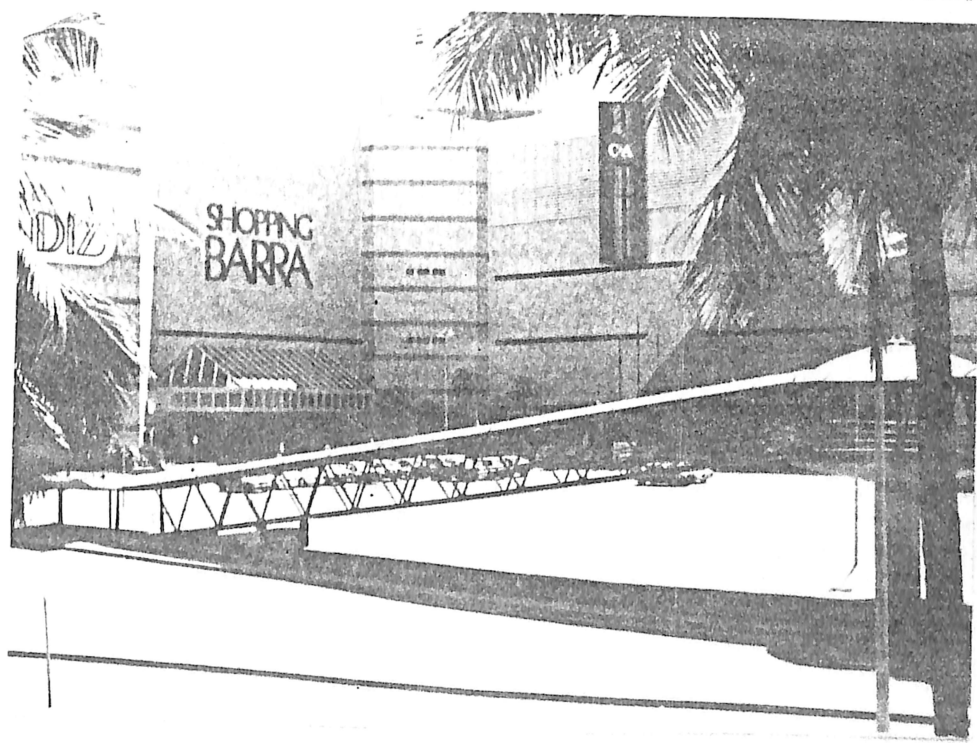


Foto 07:

...O santuário bem localizado da "polis" contemporânea.

As escadas rolantes que ligam um pavimento a outro são instaladas alternadamente, para estimular o deslocamento do corpo por esses corredores brilhantes de um comércio sedutor. O prazer de olhar espelhos, vitrines e consumir imagens, o perfeito passeio do consumidor de produtos e espetáculos. "Sabia muito bem que o caminho, a natação por exemplo, todas as espécies de coisas deste tipo, são específicos de sociedades determinadas: ..."²⁰ Nessas caminhadas típicas desta sociedade, o homem urbano é cada vez mais familiarizado com o mundo da mercadoria, substituindo o tédio e os aborrecimentos por uma "terapia" que se resume em aquisição e gasto.

Independente das diferenças na concepção arquitetônica, os shoppings são santuários bem localizados da 'polis' contemporânea. Uma moda que veio substituir os espaços públicos de convivência e ociosidade, e se justifica pela segurança, facilidade de estacionamento, de circulação, proximidade e concentração dos mais variados departamentos de consumo real e simbólico; da roupa ao sanduíche, do sapato ao produto de beleza, do flerte ao cinema. Luxo e libido desviados para o prazer da troca fazem a sofisticação de um capitalismo cheio de seduções. Os shoppings são os centros cosmopolitas de uma nova sensação de liberdade e de vida pública.

"Livre não é o homem na sua realidade ideal, na sua verdade interior ou na sua transparência; livre é o homem que muda de espaço, que circula, que muda de sexo, de vestuário, de costumes segundo a moda, e não segundo a moral, que muda de opinião segundo os modelos de opinião e não segundo a sua consciência"²¹

Um passeio na hiperrealidade do Shopping Barra é um espetáculo de todo shopping geograficamente e socialmente bem situados. Desejo e mercado se misturam diante da cordialidade de vitrines e a estética 'kitsch' impregnando lojas e objetos desarticulados das relações temporais.

Rostos delicados, peles bronzéadas tornam ainda mais apaixonante o deslizar macio dos corpos decorados, no interior dos magazines, boutiques e lanchonetes, seduzidos pelo charme da mercadoria. E na condição de mercadoria sua clientela participa do circuito da troca econômica e social.

McDONALD'S

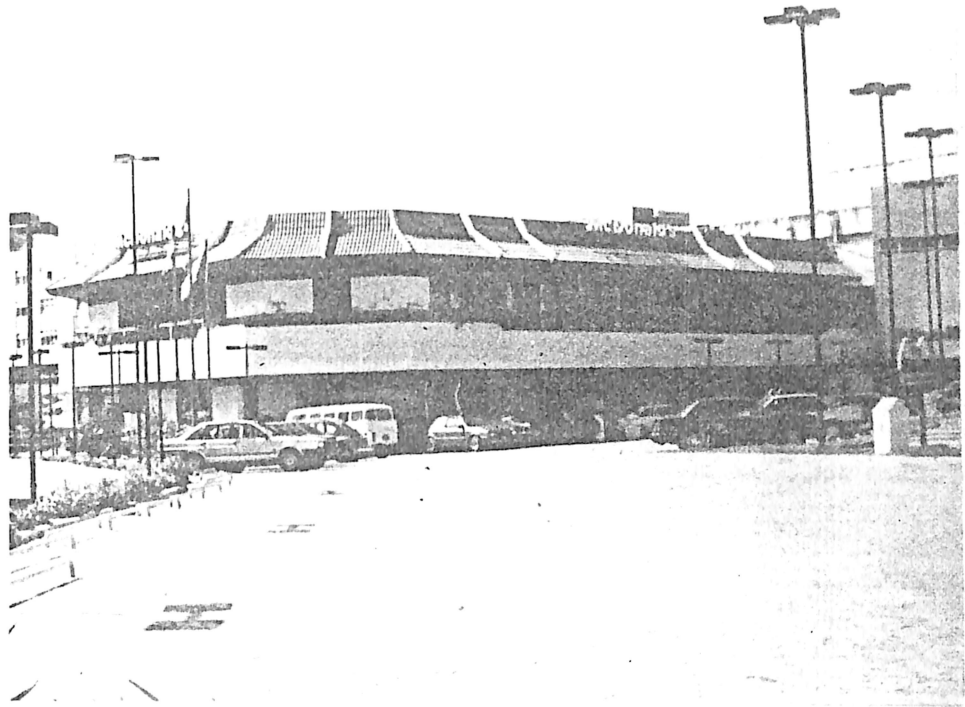


Foto 08:

...Uma fortaleza discreta. Sem qualquer sensualidade de restaurante de classe.

O novo centro gastronômico como ponto de referência do bairro Rio Vermelho. Uma arquitetura que mais se assemelha a uma fortaleza discreta e sem qualquer sensualidade de restaurante de classe, para proteger e divulgar o fetiche de uma alimentação urbana industrializada, rápida e eficiente, quese sintética, que faz do estômago um depósito de substâncias pouco nutritivas. Mas que, no fundo, acaba por atender à demanda de um novo sabor do homem urbano moderno e prático, aquele que acaba não pensando criticamente sua realidade e se perde na ilusão de comer o sofisticado, onde o segredo e o charme podem estar na embalagem. Uma espécie

de "luxo que se instala na cidade empobrecida e sofrida como o tártaro na boca doente"²².

A cidade do Salvador ganhou um novo serviço, com o McDonald's, e um estranho hábito alimentar que cria filas motorizadas, com pequenos engarrafamentos no trânsito nas noites e fins de semana, para se consumir os mais variados tipos de sanduíches (no conforto de um automóvel e sem perda de tempo). Tudo uma questão de moda e de marketing para alimentar a imagem e o capital de uma grande empresa. A princípio é um espaço livre para todas as classes, principalmente para a classe média, é a chamada democracia da alimentação, proporcionada por este símbolo da sociedade moderna industrial: o hambúrguer. Economia e desperdício; embalagens descartáveis para o acúmulo de lixo exótico que a cidade terá de absorver ou conviver com ele.



Foto 09:

...O McDonald's chegou na cidade do acarajé bem instalado com estacionamento e um serviço eficiente.

"De fato, de modo mais universal, isoladamente ou em grupo, os homens encontram-se constantemente empenhados em processo de despesas".⁸³

é quase uma excitação o impulso por uma alimentação descartável, com mais desperdício para a ecologia, onde os problemas nutritivos ficam em segundo plano. Primeiro é preciso desperdiçar para participar dos programas da sociedade de consumo e depois se alimentar. A economia, o ritmo acelerado da vida urbana e outras condições materiais influenciaram a vontade do homem urbano, seus hábitos de vestir, circular e se alimentar. "Quem consegue curar-se de uma mania, adquire outra no mesmo dia, que assegura a continuidade"⁸⁴. A alimentação apressada no centro urbano é uma mania que sempre se renova com um novo tipo de sanduiche. O McDonald's chegou na cidade do acarajé, bem instalado, com estacionamento, espaço para diversão infantil; com uma infra-estrutura para mostrar sua eficiência no atendimento ao cliente e assegurar a mania de um tipo de alimentação urbano, um pouco estranha para o organismo, mas nutritiva para uma moda gastronômica.

CAMPO GRANDE

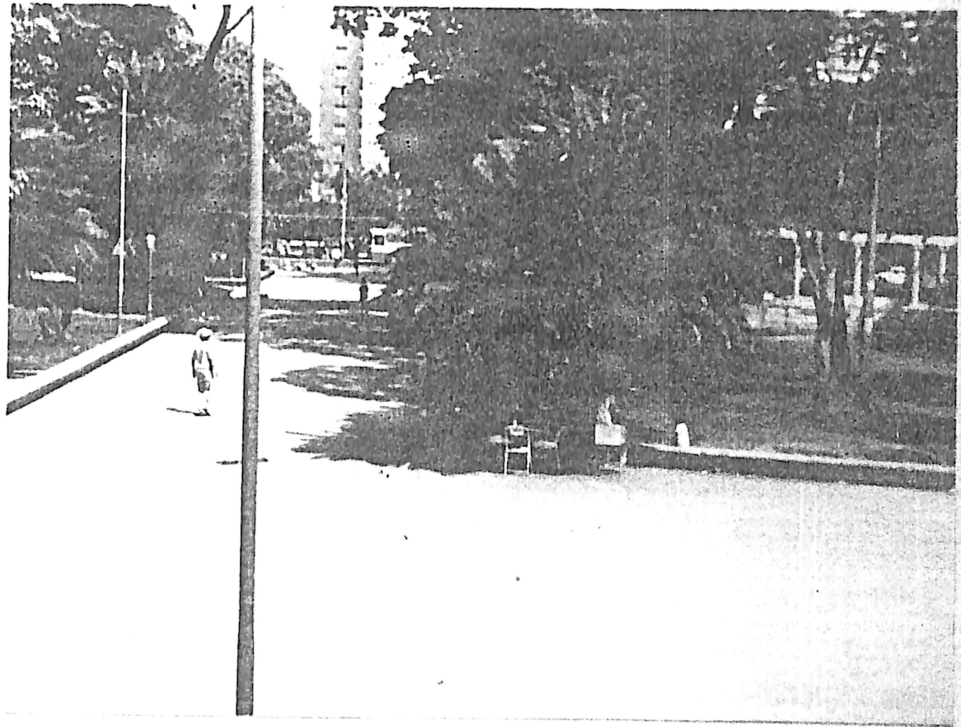


Foto 10:

...O fim da praça como lugar de encontros, da ociosidade e do flerte...

"Sem esta sobrevivência do passado no presente, não haveria duração, mas somente instantaneidade"²⁵.

"Nosso passado inteiro também vela atrás de nosso presente, e é por ser antigo, profundo, rico e pleno que o eu tem uma ação verdadeiramente real".²⁴

Certamente um jardim público para o luxo de outros tempos, com cicatrizes de uma fantasia e de uma imaginação poética, conforme está inscrito nos seus significantes, hoje deteriorados, simbolizando a favelização dos espaços públicos. Uma espécie de periferia em pleno centro, uma vez que o centro propriamente dito da cidade se dividiu e se espalhou, constituindo vários centros individualizados e com funções específicas. E também como se a cidade rejeitasse o seu passado, a sua memória, para viver o império de um presente sem história. Com a síndrome da insegurança urbana, essas praças como o Campo Grande passaram a significar a

imagem de um cotidiano tenso, sem afetividade, sem credibilidade. O fim da praça como lugar de encontros, de ociosidade, do flerte, do uso do tempo livre para o deboche da vida.

Mas o Campo Grande, a exemplo de outras praças, não foi totalmente abandonado. Embora sem o cuidado da administração pública, ele é frequentado, principalmente nos fins de semana, como área de lazer e encontros amorosos, por uma população sem o poder aquisitivo para frequentar os confortáveis espaços dos shoppings. Sujo, mal iluminado, sem o seu charme, o Campo Grande sobrevive à crise de credibilidade ou do desejo para com o lugar público. Um pequeno comércio ambulante movimenta a praça: cachaça, pipoca, refrigerante, cachorro-quente, acarajé; são os serviços de apoio que atendem aos que o frequentam como lazer ou lugar de passagem.

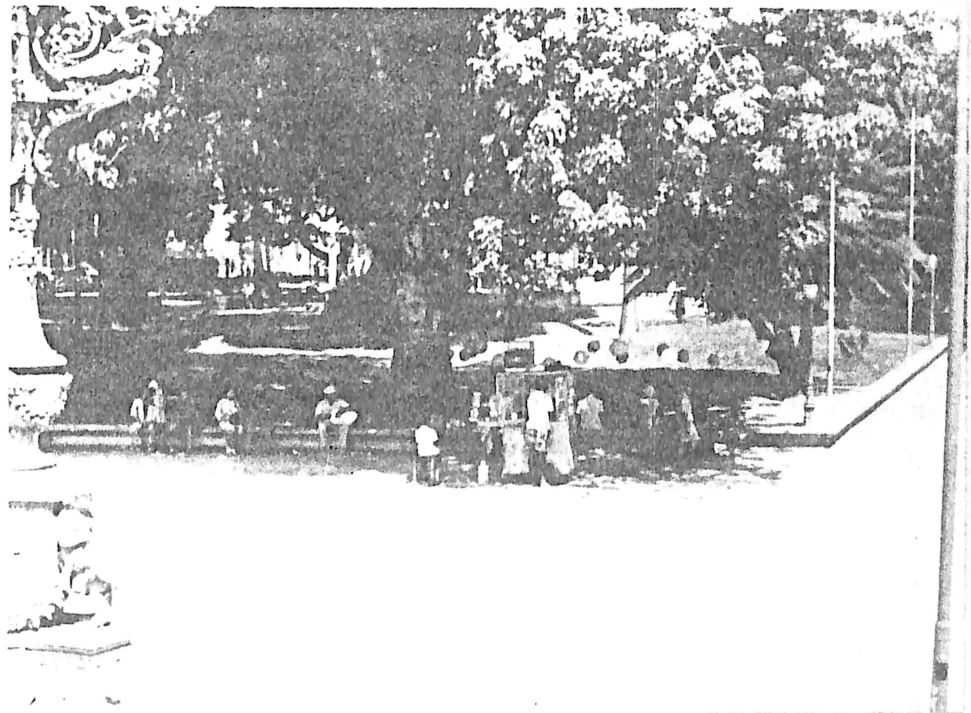


Foto 11:

O Campo Grande não foi totalmente abandonado. É frequentado mesmo sem o cuidado da Administração Pública.



Foto 12:

Um pequeno comércio ambulante movimenta a praça...São os serviços de apoio que atendem aos que a frequentam com o lazer ou lugar de passagem.

Uma praça que integra o imaginário de uma história: a independência da Bahia, como informa o monumento no seu centro. Tangenciada em dois extremos por dois marcos da arquitetura moderna baiana: O Teatro Castro Alves e o Hotel da Bahia, símbolo complementares de sua elegância histórica. O antigo e o moderno ligados entre si, ressignificando o presente. Mas a reurbanização da cidade, em nome do "progresso moderno", não poupou este território de um esvaziamento simbólico irreversível. Violência urbana, desconforto, perda de significação, novos hábitos urbanos criados pela publicidade capitalista afastaram a população do centro da cidade e de suas praças, restando ao Campo Grande a condição de símbolo da memória de uma cidade, onde a razão do capital fez a população readaptar seu sistema de vida, seu desejo, em função de uma virtude de classe: a de produzir e consumir como prazer cosmopolita. À rua e a

praça perdem a vitalidade de centro social: não se passeia mais ao sabor do acaso.

"As pessoas, na rua, parecem desesperadamente isoladas, cada qual a uma grande distância da outra, totalmente sozinha, no meio de um grande trecho de rua".²⁷

"Estamos ligados a nós mesmos e nossa ação presente não tem como ser descosida e gratuita, deve sempre exprimir nosso eu, assim como uma qualidade exprime uma substância".²⁸

O Campo Grande é um desses lugares que registram o sentimento e a emoção da sociedade diante do lugar público, atualmente uma sociedade indiferente, sem mais o desejo da praça como lugar do passeio do pedestre, da convivência social, de um relacionamento com a cidade sem os compromissos da sobrevivência, do trabalho, do consumo. Talvez, o divertimento desta sociedade não seja mais o espaço aberto das ruas e praças, mas os espaços restritivos e fechados dos shoppings, bares e restaurantes.

PRAÇA MUNICIPAL

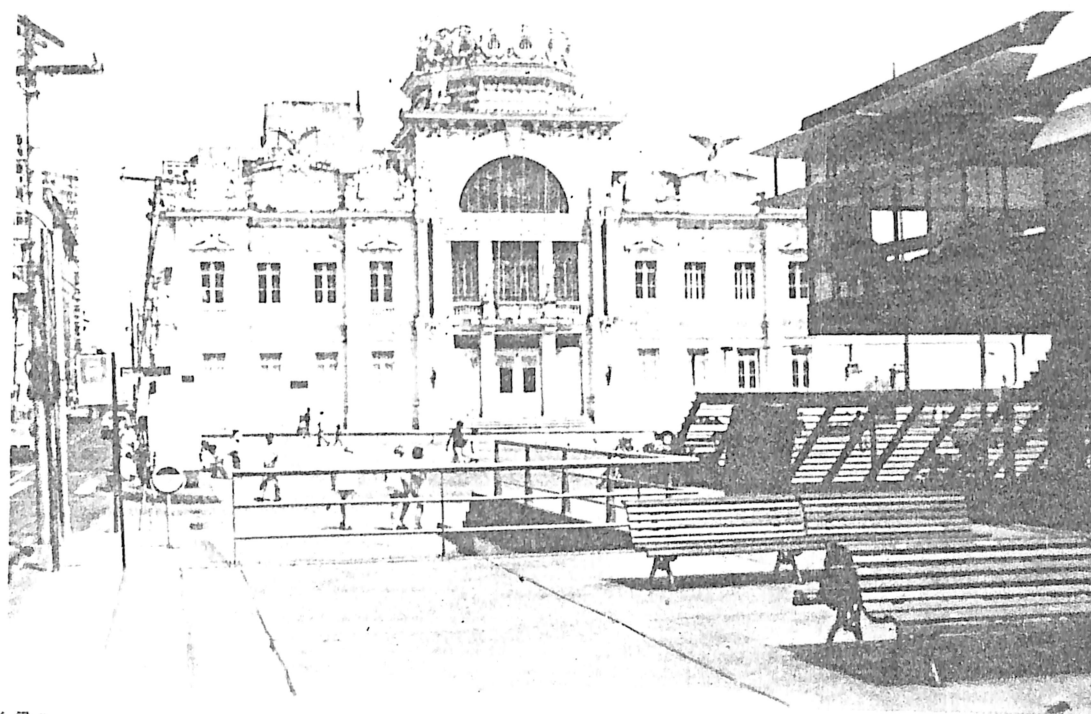


Foto 13:

Esta praça guarda a memória de um passado que foi presente.

"O passado que contemplo já foi vivido e, a partir do instante em que desejo penetrar em sua gênese, não posso ignorar que foi um presente"

A primeira praça do País, criada por Tomé de Souza, primeiro governador geral, está situada na área do antigo centro e foi durante muito tempo o endereço do poder Federal e depois Estadual. Símbolo do prestígio e do luxo de uma época. O tempo também passou na cidade e seu centro perdeu sua função e sua significação plena. As recentes reformas urbanas estavam voltadas para o funcionalismo da indústria moderna e os interesses empresariais. O desprezo pelo antigo centro e pelo passado da cidade é quase irreversível, é como se os elementos e espaços que não atendem às demandas de um

presente criado pelo capitalismo moderno, nada significassem, não interessam suas preservações. Esta praça guarda a memória de um passado que foi presente de uma cidade, como está escrito na organização e na arquitetura das construções que definem a praça. Há uma hierarquia semiológica destituída por uma cirurgia urbana desnecessária, na década de 70, demolindo dois prédios históricos, alterando assim sua sintaxe e sua semântica.

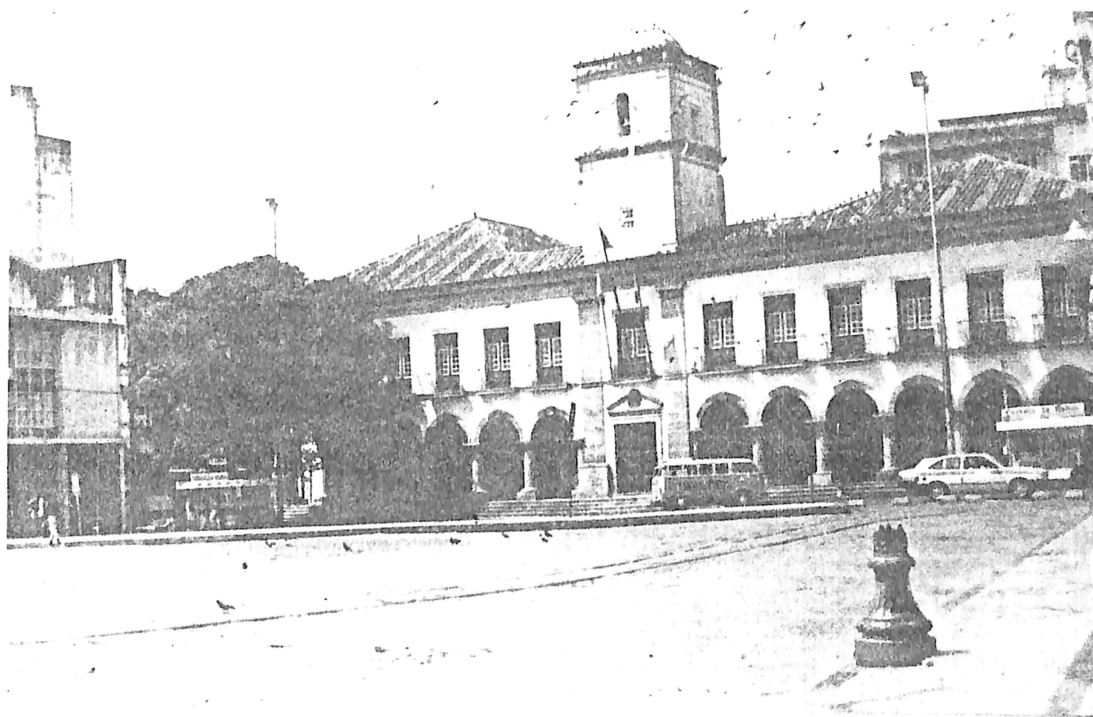


Foto 14:

A Arquitetura guarda o passado da praça.

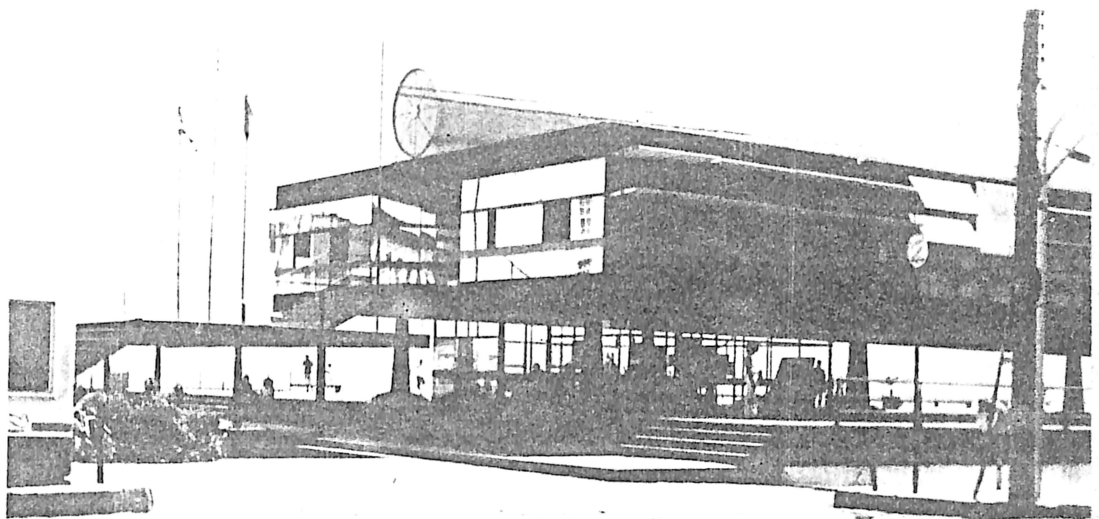


Foto 15:

"O novo Palácio" de aço e vidro se acomodou na história da praça, estabelecendo uma dialética entre o novo e o antigo.

Mudam-se os hábitos e os costumes da cidade com o fenômeno de uma urbanização aliada ao processo de monopolização do capital, acelerando o descompasso entre o centro histórico e a expansão da cidade⁹⁰. Perde-se a noção de economia cultural, como se fôssemos espectadores de um passado que não nos interessa mais. "Nossa relação com a história não é somente a relação do entendimento, a do espectador com o espetáculo"⁹¹. A história deixa suas marcas na arquitetura e no urbano. A Praça Municipal é o cenário de muitas cenas que saíram de cartaz e a nova Salvador tem outros cenários, novos centros, novos espaços da sedução moderna e da moda incentivados pelo próprio poder público. A velocidade de uma certa noção de progresso ataca a história e a memória.

entristece os espaços que não atendem diretamente à acumulação do capital. "é mais que uma coloração que se estende sobre as coisas, são as próprias coisas que se cristalizaram em tristezas, em saudades, em nostalgia"⁹², para quem ainda consegue pensar a cidade com o sentimento essencial pelo passado, no qual o nosso presente se relaciona como uma continuidade histórica.

Depois de circular fora do centro histórico, a prefeitura, (o poder municipal) voltou à Praça Municipal e se instalou num novo palácio de aço e vidro, sobre um jardim que era muito mais a cicatriz da destruição de construções históricas. Sem o encanto da arquitetura "pós-moderna", acabou se acomodando ao ambiente, estabelecendo uma dialética entre o novo e o antigo, sem perder "...o velho poder da verdadeira arquitetura, que é, a um só tempo, o de embelezar os corpos que caminham, que dançam e o de animar os espaços e os edifícios"⁹³. A praça recupera seu valor simbólico sem ser, é claro, aquele lugar privilegiado dos tempos em que a cidade tinha um único centro com as principais funções e atividades necessárias à vida urbana. Nela hoje vive a imagem de um poder desacreditado: o poder municipal, sem dúvida necessário ao sonho impossível de se concretizar, que é reverter uma decadência - a revitalização do centro histórico.

Com o esquecimento do seu passado, de sua história social, a cidade do Salvador, sem uma política de preservação de seu equipamento cultural e urbanístico como o conjunto arquitetônico do seu centro histórico, perde sua memória. Este centro pode se transformar num apêndice desnecessário ao funcionamento da cidade, se este funcionamento diz respeito às operações que resultam na troca e na acumulação do capital. Existe um mundo subjetivo de vivências, emoções, experiências sensoriais e culturais como referência de vida e de história de uma cidade. A Praça Municipal é portadora de uma carga simbólica com vários referenciais de leitura, também o sentimento e a nostalgia. É necessário readaptá-la como suporte de serviços, de diversão, resgatar a memória e o respeito pelo passado, para tornar legíveis as contradições do presente que circulam no espaço urbano.

PARQUE DA CIDADE

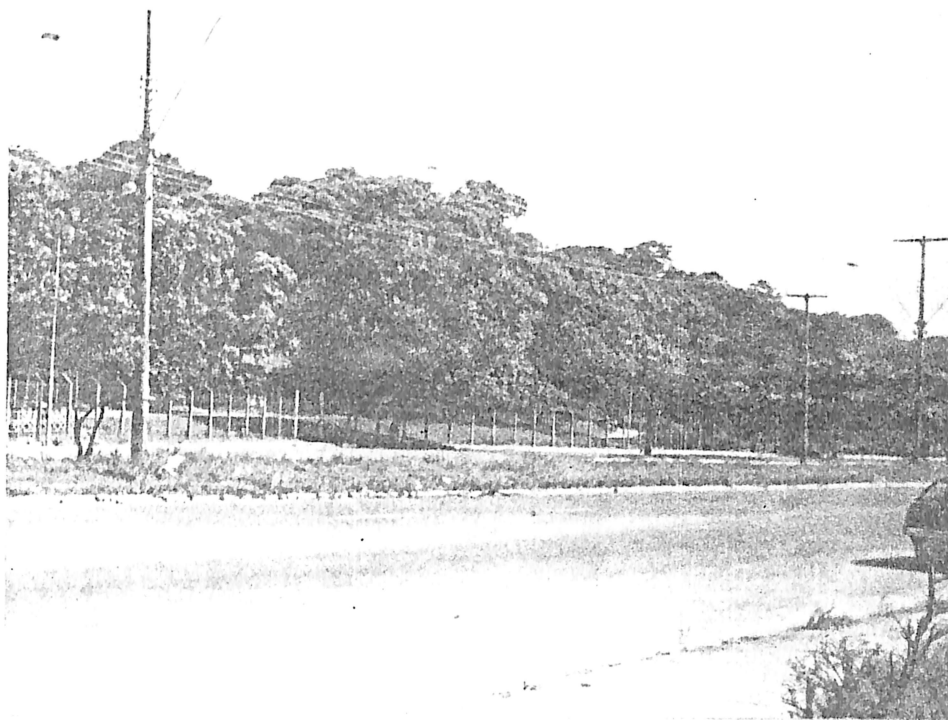


Foto 16:

O Parque da Cidade e a nostalgia da natureza.

O contato físico com o meio ambiente nos centros urbanos é festivo e indireto. Em ocasiões específicas, como nos fins de semana para descanso da força de trabalho, é um envolvimento recreacional. Preserva-se a natureza, cria-se parques na cidade grande, principalmente para um uso imediato, numa sociedade onde as paixões e a natureza não escapam da comercialização. O Parque da Cidade é a nostalgia da natureza numa área nobre da cidade. Precariamente aparelhado para atividades de lazer, mas bem frequentado nos finais de semana, como um dos raros espaços de lazer e de

reserva florestal necessários ao equilíbrio ecológico da cidade.

Em uma sociedade que organiza mal a ocupação da natureza, onde "o acontecimento dominante é o desenvolvimento do luxo, a produção de formas de vida cada vez mais onerosas..."⁹⁴ há uma desorganização na ecologia urbana, todos os espaços da natureza estão sujeitos à lógica da economia, são matérias-primas da acumulação do capital. O Parque da Cidade é um lugar de lazer e recreação, principalmente de uma parte da população que não dispõe de meios para se deslocar a áreas mais distantes em busca de contato com a natureza, relação mínima necessária à vida nas cidades. É também um espaço simbólico, confere status a um lugar privilegiado da cidade, do comércio de luxo e dos apartamentos de classe média alta.

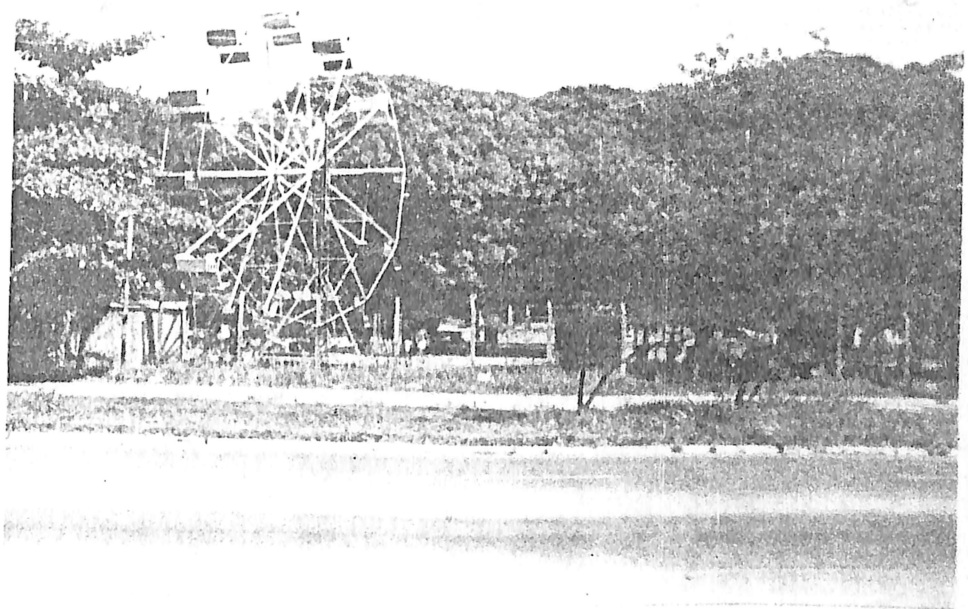


Foto 17:

Um parque precariamente aparelhado para atividades de lazer.

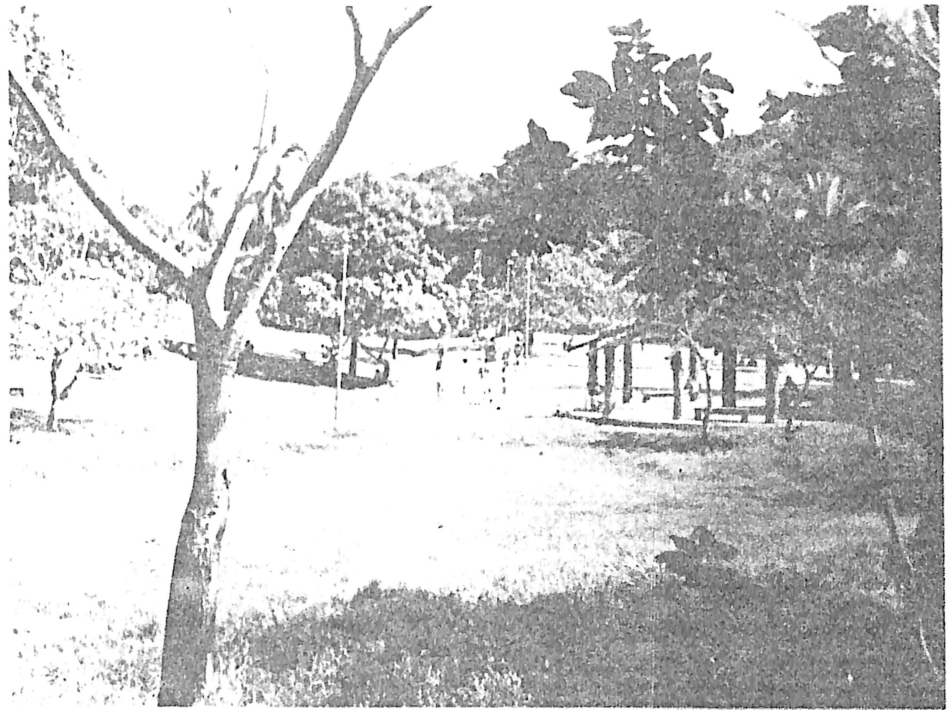


Foto 18:

Um retrato de desorganização da ecologia urbana - Um parque simbólica.

Diante da crise ecológica o verde é um privilégio de classe, de quem tem os meios de acesso à cultura e ao lazer da cidade. "A função cultural da cidade se exprime também em vasta gama de lazeres (físicos, práticos, intelectuais, artísticos, sociais) independente do setor escolar"⁹⁵. Função esta disponível a poucos moradores da cidade.

Sob o desejo da especulação imobiliária, este parque vem sendo vendido ao olhar dos compradores de apartamentos de luxo, construídos no seu entorno. Ele faz parte do sistema de signos urbano do cotidiano de uma minoria da população que o observa como um espetáculo verde, além de ser um pequeno centro de consumo da natureza, sem os atrativos

necessários para a redução da tensão e da fadiga física e nervosa da vida urbana. Aliás, preservar espaços para o lazer sempre foi uma preocupação da sociedade industrial para o próprio controle do tempo livre da força de trabalho. ①

"Desde o nascimento da sociedade industrial, os pensadores sociais do século XIX previam a importância do lazer ou antes do tempo liberado pela redução do trabalho industrial".36

NOVA ORLA

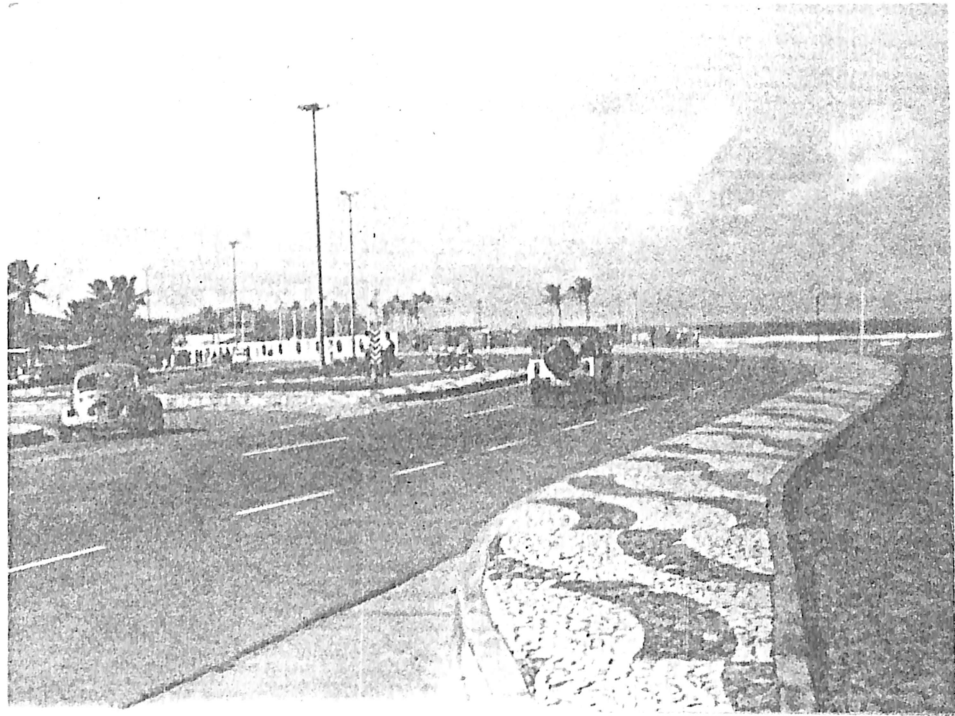


Foto 19:

Uma orla para automóveis.

Uma civilização do culto ao automóvel e de hábitos selvagens capazes de promover seu poder extravagante de dominar o espaço natural da cidade com o planejamento da indiferença, para torná-lo mercadoria. O que mudou na imagem da orla atlântica do Salvador foi a readaptação de uma área da cidade para a indústria do turismo, do lazer, da especulação imobiliária. Não interessa o pedestre, o transporte coletivo, os serviços de infra-estrutura para captação e tratamento dos esgotos; interessa, sim, a infraestrutura urbana para um olhar sem reflexão, o panorama de um urbanismo rodoviário. Pistas destinadas à velocidade do automóvel e parques de estacionamento em face à imensidade de um mar que se repete num horizonte de fascinação. Um planejamento para "a humanidade do trabalho, que vive para o trabalho, sem usufruir livremente dos frutos do trabalho".⁹⁷

"Quando a insônia, mal dos filósofos, aumenta pelo nervosismo devido aos barulhos da cidade, quando, na praça Maubert, todas as noites, os automóveis fazem barulho e o roncar dos caminhões me faz mal dizer meu destino de cidadão, encontro paz em viver as metáforas do oceano"²⁸.

Lugar de lazer, descanso e objeto de pensamento, o mar invade o nosso imaginário, excita a imaginação. E "a imaginação, em suas ações vivas, nos desliga ao mesmo tempo do passado e da realidade"²⁹. A frequentação da praia está ligada à liberação do corpo, o gosto da beira-mar é relativamente recente. O fim de semana sem sol na cidade do Salvador é um fim de semana triste. Mas a expansão econômica às custas da ocupação do ambiente natural, se apropriou da orla, inflacionando seu valor de troca. A praia é, hoje, o lazer transformado em publicidade, por uma fatalidade política e econômica de uma cidade que começa a perder mais um de seus encantos: a sensualidade natural de sua orla.



Foto 20:

Parques de estacionamento em frente à imensidade de um mar, que se repete num horizonte de fascinação.



Foto 21:

A vulgarização da paisagem que tinha o cheiro do mar como seu perfume.

O modelo de urbanismo rodoviário fez da nova orla um lugar comum, destruindo antigas características significativas da imagem da cidade. A vulgarização da paisagem que tinha o cheiro do mar como seu perfume. Devassada por uma urbanização que cria uma nova imagem superficial autoritária, a 'nova orla' vai se contaminando com a monotonia de uma paisagem artificial e semelhante a muitas outras. Até a sedução da praia e o tédio da imensidão do oceano foram filtrados pelo império da mercadoria.

"Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos com um lugar, por ser lar, o 'locus' de reminiscências e o meio de se ganhar a vida".⁴⁰

"Diante do mundo lento e obscuro da experiência grosseira, desaprendemos rapidamente a nos espantar".⁴¹

Vai se alternando o conforto ambiental, a emoção do usuário, o imaginário da cidade, e o mar vai se transformando num depósito de dejetos, diante do olhar desconfiado e triste de quem olha para trás, e observa a velocidade do tempo e o avanço irreversível do deserto sobre a beleza que a natureza nos oferece. A realidade do capital apenas se ocupa da presença mágica do mar.

CONJUNTO RESIDENCIAL SANTA MADALENA

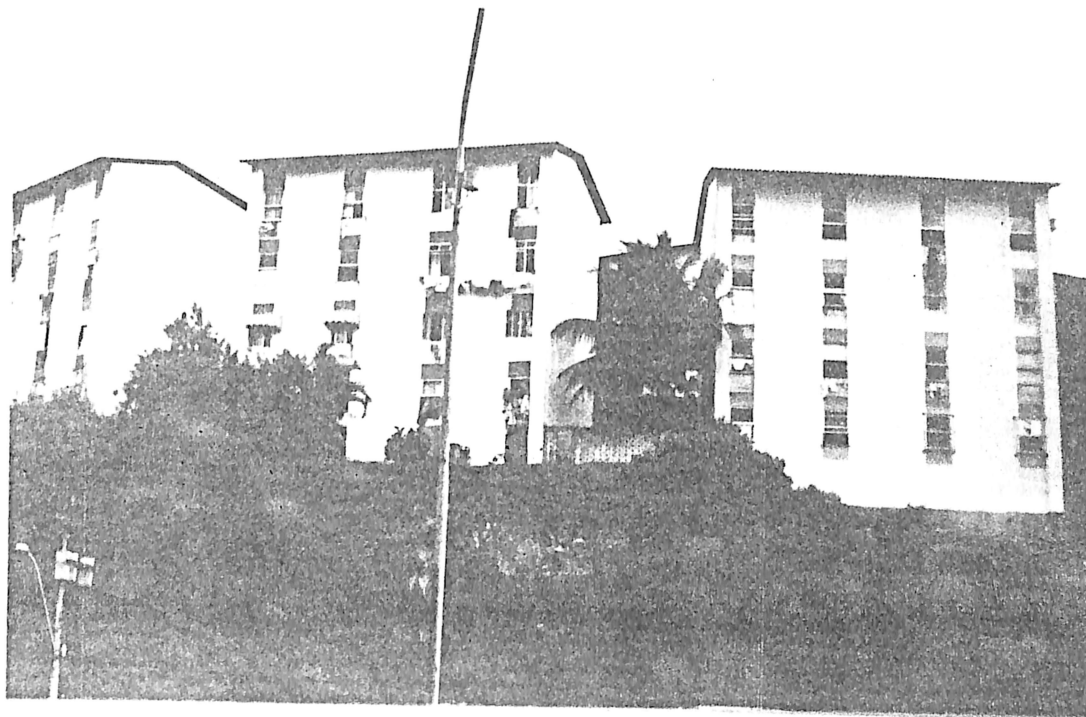


Foto 22:

O desconforto de uma habitação produzida em massa

"Nestes apartamentos que mais se parecem com hospitais militares após a última inspeção as pessoas só suportam a vida porque a maneira de viver as aliena de seu ambiente doméstico."42

Situado na avenida Vasco da Gama, próximo ao Rio Vermelho, o Conjunto Santa Madalena, 76 blocos de 8 apartamentos, num total de 608 apartamentos é a imitação de uma micro cidade residencial sem o mínimo de infra-estrutura para atender às necessidades de sua população. Ladeiras, ruas estreitas improvisadas para estacionamento, que não permitem a circulação de transportes coletivos, dificultando o deslocamento, até mesmo internamente, de seus moradores. O ato de morar, neste caso, é o símbolo de uma prisão

voluntária (se não levarmos em conta questões econômicas).
Somente a carência de habitações pode considerar um
privilégio a ocupação de um desses reduzidos apartamentos,
com todo desconforto de uma habitação produzida em massa,
por iniciativa da especulação imobiliária.

Uma comunidade espetacular, sem área de lazer, sem praças,
sem espaço de encontros. As "relações da moradia com o
espaço se tornam fictícios. Tudo é máquina e a vida íntima
foge por todos os lados".⁴⁹ Uma organização urbanística,
onde a repetição torna o território monótono, sem diversão,
sem sonho, alheio às fantasias do corpo. Um conjunto de
depósitos para uma força de trabalho, de classe média, que
vive entre o trabalho e a necessidade de sobreviver numa
grande cidade.



Foto 23:

Sem área de lazer, sem praças, sem espaços de encontros.

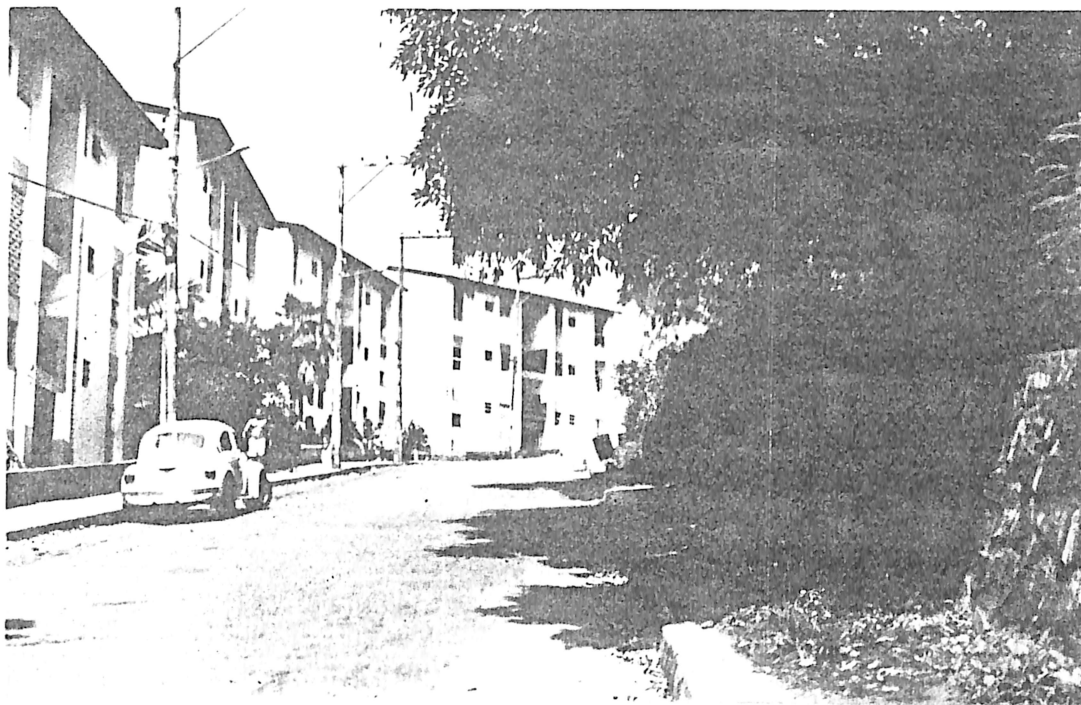


Foto 24:

Uma comunidade onde todos estão separados e indiferentes aos problemas comuns.

Não há condições de afetividades entre as pessoas e o ambiente físico, a moradia e o bairro. A população alojada em compartimentos, em condições materiais que enfraquecem a confiança de uns com os outros, perde a noção de semelhança e de solidariedade social. São habitações sem intimidade.

"Todos os espaços de intimidade se caracterizam por uma atração"⁴⁴.

"Uma pessoa investe parte de sua vida emocional em seu lar, e além do lar, em seu bairro"⁴⁵.

O ambiente doméstico é um ambiente conhecido, familiar, protege o sujeito da perplexidades do mundo exterior e ele o preenche também com seu pensamento e seus sonhos. Mas estes

apartamentos foram construídos por uma racionalidade que inventa para o sujeito urbano, faminto de espaço para viver, um cotidiano arbitrário e um modelo de vida doméstico um pouco hostil, que se reduz a uma acomodação distante da poética, da arte e do prazer. Um sistema de signos redundantes que insinuam na ordem da cidade a expropriação do espaço físico para o processo de acumulação e não para resolver demandas de vida urbana, acabou formando uma comunidade onde todos estão separados e indiferentes aos problemas comuns.

"Na relativa indiferença em que vivemos, neste mundo de possibilidades numerosas e indiferentes, não podemos imaginar a tensão inerente à vida em grupos restritos, separados pela hostilidade."⁴⁶

CENTRO ADMINISTRATIVO

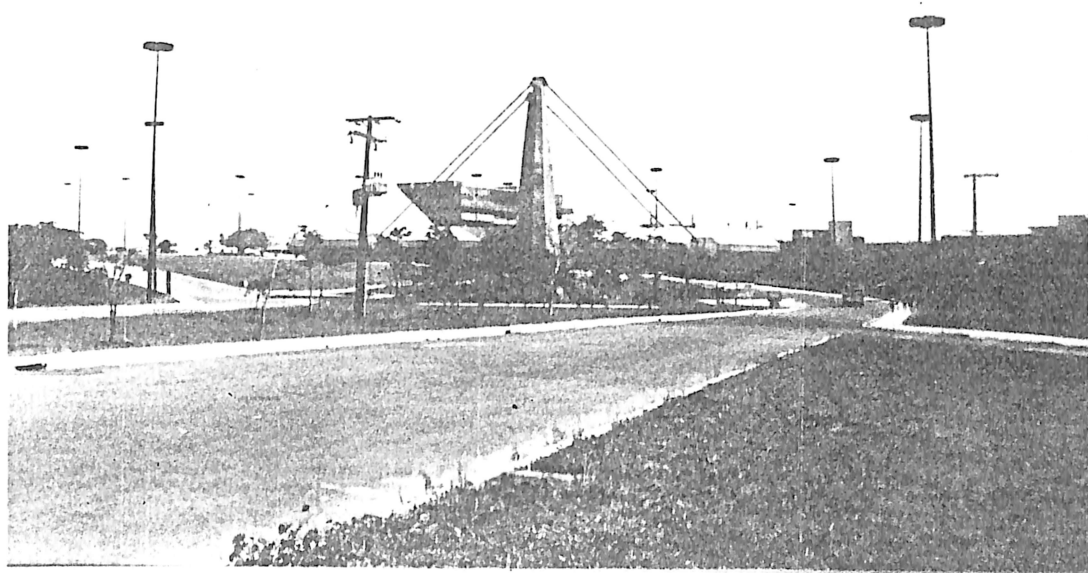


Foto 25:

A cidade das operações burocráticas do Estado com seus amplos espaços urbanos.

O poder do Estado, que já fez parte do antigo centro, foi instalado num outro centro descentralizado, distante das outras atividades da cidade. Sem o encanto dos encontros possíveis, ocupa amplos espaços tanto arquitetônico como urbano, impressiona, mostra o halterofilismo do poder. "Os espaços arquitetônicos são capazes de evocar certos tipos de emoção"⁴⁷. Aqui eles evocam a grandeza e a retórica do poder, não há sabor de alegria ou melancolia, não há vida noturna, esta é uma cidade vazia de outros sentidos, é a cidade das operações burocráticas do Estado. O exercício de uma nova mentalidade, o poder propriamente dito, se encontra nas outras instituições da cidade, infiltrado nas relações sociais. O poder na sociedade contemporânea ocidental é

entendido como um sistema de controle e vigilância sobre as pessoas, segundo o discurso de Foucault.⁴⁰

Este é o centro da vida e da semântica do poder, uma cidade exclusiva para o jogo político, com sua "arquitetura impotente", um complexo viário onde o próprio poder se dispersa em várias instituições espalhadas num território, sem uma referência central, que necessita de um sistema de transporte motorizado para se deslocar de uma secretaria para outra, por exemplo. Um centro inteiramente descentralizado para dispersar, entre outras coisas, as manifestações de insatisfação com a política e a administração do Estado. O território particular da imponência do Estado, longe dos congestionamentos da área central e das insatisfações diárias da população, atende às necessidades funcionais da máquina administrativa e ao luxo da cidade moderna e de sua classe privilegiada, como a cidade aristocrática na antiga Grécia.

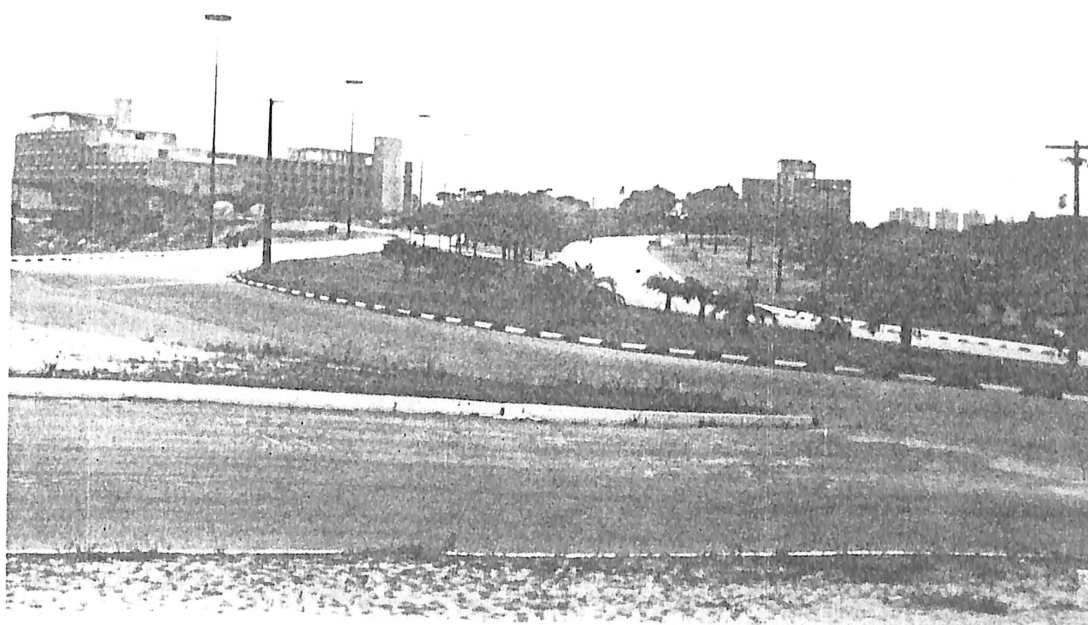


Foto 26:

Uma Arquitetura imponente e um complexo sistema viário.

"O luxo é um título político. Para que se tenha direito às magistraturas, necessário é estar preparado para celebrar magníficos sacrifícios na cerimônia de posse, oferecer ao povo simpósios e festas, enfeitar a cidade com templos e estátuas:..."⁴⁹

Salvador, como toda cidade moderna industrial tem vários centros e subcentros especializados, com regras próprias e códigos específicos de uso. O Centro Administrativo é o centro asséptico do poder, com os seus principais ícones sinalizando uma função da cidade, enquanto o poder é exercido na forma civilizada das leis. Segundo Alain Finkielkraut: "Desde o princípio: que se trata, na verdade, de sua nação ou de sua língua, o homem entra em um jogo no qual não lhe cabe fixar mas aprender a respeitar regras."⁵⁰

NOTAS: (2ª Parte)

- 1 - BAUDRILLARD, JEAN. - AMÉRICA. trad. Alvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco. 1986, p. 49.
- 2 - BARTHES, Roland. - Incidentes. trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Guanabara, p. 16.
- 3 - BACHELARD, Gaston. - A POÉTICA DO ESPAÇO. trad. Antonio da Costa Leal e Lidia do Valle Santos Leal. São Paulo: Abril Cultural. Col. Os Pensadores. 1978, p.228.
- 4 - BATAILLE, George. - O EROTISMO. trad. João Bernard da Costa. Lisboa: Moraes. 1968, p. 33.
- 5 - Despesas improdutivas: o luxo, as guerras, os cultos, os jogos e os espetáculos. ver: Bataille, George - A PARTE MALDITA. trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago. 1975, p. 30.
- 6 - Sobre a Reforma Universitária e as Questões Sociais. ver: FERNANDES, Florestan.- UNIVERSIDADE BRASILEIRA: Reforma ou Revolução?. São Paulo: Alfa-Omega. 1979.
- 7 - BAUDRILLARD, Jean. - op. cit. p.60.
- 8 - ROUANET, Sérgio Paulo - AS RAZÕES DO ILUMINISMO, São Paulo: Companhia das Letras. 1987, p.166.
- 9 - ROSSET, Clement. - PRINCÍPIO DE CRUELDADE. trad. José Thomaz Brum, Rio de Janeiro: Rocco. 1989, p. 21.
- 10 - VERNANT, Jean Pierre. - AS ORIGENS DO PENSAMENTO GREGO. trad. Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Difel. 1977, p. 34.
- 11 - Op. cit. p. 40.
- 12 - BARTHES, Roland. op - cit. p. 49.
- 13 - FINKELKRAUT, Alain. A DERROTA DO PENSAMENTO. ^{trad.} Mônica Campos de Almeida. São Paulo: Paz e Terra. 1988, p. 76.
- 14 - BACHELARD, Gaston - Op. cit. p. 285.
- 15 - BARTHES, Roland - Op. cit. p. 50.
- 16 - BATAILLE, George - Op. cit.- A PARTE MALDITA. p. 49.
- 17 - BATAILLE, George - Op. cit.- O EROTISMO. p. 152.

- 18 - ROUANET, S.P. Op - cit. p. 233.
- 19 - FERRARA, Lucrecia D'Alessio - **LEITURA SEMIÓTICA DA CIDADE** in I Semana de Semiótica. Curitiba: SECE - Biblioteca Pública do Paraná. 1985, p. 55.
- 20 - MAUSS, Marcel. - **SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA**, vol. II, trad. Mauro W. B. de Almeida. São Paulo: Pedagógica e Universitaria Ltda. e Universidade de São Paulo. 1974, p. 212.
- 21 - BAUDRILLARD, Jean. - Op. cit. p. 83.
- 22 - BENJAMIN, Walter. - **DIÁRIO DE MOSCOU**, trad. Hildergrad Herbold, São Paulo: Companhia das Letras. 1989, p. 32.
- 23 - BATAILLE, George. - Op. cit. - **A NOÇÃO DE DESPESA**, in **PARTE MALDITA**, p. 44.
- 24 - ROSSET, Clement. - Op. cit. p.63.
- 25 - BERGSON, Henri - **INTRODUÇÃO À METAFÍSICA**, trad. Franklin Leopoldo e Siva, São Paulo: Abril Cultural, Col. Os Pensadores. 1964, p. 131.
- 26 - BACHELARD, Gaston - **A DIALÉTICA DA DURAÇÃO**, trad. Marcelo Coelho, São Paulo: Ática S.A. 1988, p. II.
- 27 - BENJAMIN, Walter - Op. cit. p. 132. (Um comentário sobre Berlin).
- 28 - BACHELARD, Gaston - Op. cit. - **A DIALÉTICA DA DURAÇÃO**, p.12.
- 29 - MERLEAU-Ponty, Maurice - **A CRISE DO ENTENDIMENTO**, trad. Marilena Chauí, São Paulo: Abril Cultural, Col Os Pensadores. 1980, p. 31.
- 30 - Ver: ANDRADE, A. L. M. - **O CENTRO DA CIDADE DO SALVADOR**, in revista *Projeto*, n° 88. São Paulo: junho de 1986, Opinião do Leitor.
- 31 - MERLEAU-PONTY, Maurice - Op. cit. p. 31.
- 32 - BACHELARD, Gaston - Op. cit. - **A POÉTICA DO ESPAÇO**, p. 291.
- 33 - BARTHES, Roland - Op.cit. 49.
- 34 - BATAILLE, George - Op. cit. - **A PARTE MALDITA**, p. 71.
- 35 - DUMAZEDIER, Jofre - **SOCIOLOGIA EMPÍRICA DO LAZER**, trad. Sílvia Marza e J. Guinsburg, São Paulo: Perspectiva, Col. Debates, 1979, p. 166.
- 36 - Op. cit. p. 19/20 .

- 37 - BATAILLE, George. - Op. cit. - A PARTE MALDITA, p. 84.
- 38 - BACHELARD, Gaston. - Op. cit. - A POÉTICA DO ESPAÇO, p. 215.
- 39 - Op. cit. 197.
- 40 - TUAN, Yi-Fu. - TOPOFILIA, trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difusão Editorial S.A., 1999, p. 107.
- 41 - BACHELARD, Gaston. - Op. cit. - A DIALÉTICA DA DURAÇÃO, p. 56.
- 42 - BENLAMIN, Walter. - Op. cit., p. 35.
- 43 - BACHELARD, Gaston. - A POÉTICA DO ESPAÇO, p. 215.
- 44 - Op. cit., p. 208.
- 45 - TUAN, Yi-fu. - Op. cit., p. 114.
- 46 - BATAILLE, George. - Op. cit. - O EROTISMO, p. 183.
- 47 - TUAN, Yi-fu. - Op. cit., p. 32.
- 48 - Ver: FOUCAULT, Michel - VIGIAR E PUNIR, cap. O Panoptismo, trad. Lígia H. Fondé Vassallo. Petrópolis: Vozes Ltda. 1977, p. 173/199.
- 49 - GLOTZ, Gustave - A CIDADE GREGA, trad. Henrique de Araújo Mesquita e Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Difel, 1980, p. 56.
- 50 - FINKIELKRAUL, Alain. - op. cit., p. 24.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, A.L. M. - A Queda do Império do Urbanismo : Os Centros Descentralizados da Cidade. in: Pampulha, n° 9. Belo Horizonte, 1983. p 16:17.
- . - A Instituição do Urbanismo e a Cidade do Salvador. in Projeto, n° 70. São Paulo: 1984. p. 85.
- . - O Centro da Cidade Salvador. in Projeto, (Opinião do Leitor), n° 88. São Paulo. 1986.
- ARBAU, Paulo Carlos. - Walter Gropius e a Bauhaus, trad. Emílio Campos Lima. Lista Editorial Presença, 1984.
- ADORNO, Theodor W. - Teoria Estética, trad. Artur Morão. . Martins (Lisboa)Fontes, 1973.
- BACHELARD, Gaston. - A Poética do Espaço, trad. Antonio da Costa Leal e Lídia de Valle Santos Leal. São Paulo. Abril Cultural. Col. Os Pensadores .1979
- . - A Poética do Devaneio. trad. Antonio de Paula Damari. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- . - O Direito de Sonhar. trad. José Américo M. Passanau, Jacuinauc Esc: Maria Lúcia C. Monteiro e Maria Isabel Raposo. São Paulo: Difel, 1986.
- . - A Dialética da Duração. trad. Marcelo Coelho. São Paulo: Ática S. A. 1988.
- . - A Psicanálise do Fogo. trad. Maria Isabel Braga. Lousã: Literal, 1997.
- CHIFFIN, George. - A Parte Maldita e a Noção de Despeza, trad. João Lantagem Guimarães. Rio de Janeiro. Imago. 1975.
- . - O Erotismo. trad. João Bernard da Costa. Lisboa: Imago, 1980.
- CHATELAIN, Jean. - América. trad. Alvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco 1984.
- . - O Sistema dos Objetos. trad. Zulmira Ribeiro Travençolo. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- . - Crítica de La Economía Política Del- Signo. trad. espanhol. Aurélio G. Del Camino. México, Siglo Veintiuno Editores. 1974.

- _____ . - Kool Killer ou A Insurreição Pelos Signos. in Cine Glac. n° 5/7 trad. Fernando Mesquita. São Paulo. 1979. p. 25 e 45.
- BARINES, Roland. - Incidentes. trad. Mille Costaêna Guimarães. Rio de Janeiro: Guanabara, 1980.
- _____ . - Mitologias. trad. Rita Buongiorno e Pedro de Souza. São Paulo: Editora Suméria de Livros, 1988.
- _____ . - Elementos de Semiologia, trad. Izidoro Elikstein. São Paulo: Cultrix, 1977.
- BENSAÏM, Walter. - Paris Capitale du XIX^e Siecle. in Poesie et Revolution vol. II. Paris: Edition de Noel, 1971.
- _____ . - Maxixe, trad. Flavio Menezes e Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- _____ . - Diário de Moscou. trad. Hildegard Herbold. São Paulo Companhia das Letras, 1989.
- _____ . - Rua de Mão Única. trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BERGSON, Henri. - Introdução à Metafísica. trad. Franklin Leopoldo e Silva. São Paulo: Abril Cultural, col. Os Pensadores, 1974.
- _____ . - O Riso. trad. Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1988.
- BRESCIANI, Maria Stella Mortans. - Londres e Paris no Século XVIII. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BUIOR, Michel. - Inventário do Tempo. trad. Walstansir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- CIORAN, E. M. - Breviário de Decomposição. trad. José Thómas Bram. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- CALHEND, Italo - As Cidades Invisíveis. trad. Diego Marnardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- CHUAY, Françoise. - O Urbanismo. trad. Dajne Nascimento Rodrigues. São Paulo: Perspectiva, Col. Estudos, 1979.
- DEBORD, Guy. - A Sociedade do Esperáculo. trad. Francisco Alves e Afonso Pontes. Lisboa: Afrodite, 1972.
- DELUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. - O Anti-Édipo. trad. Georges Lamariê. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

- WITTENBERG, Joffe. - Sociologia Empírica do Lazer. trad. Sylvia Hanna e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, col. Debates, 1979.
- WITTNER, Marcel. - Ingénieur du Temps Perdu. Entretiens avec Pierre Cahen. Paris: M. Houd, 1977.
- ECO, Umberto. - A Estrutura Ausente. trad. Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- _____. - Viagem na Irrealidade Cotidiana. trad. Aurora F. Bernardina e Romário F. de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- FOUCAULT, Michel. - Microfísica del Poder. trad. p/ espanhol, Julia Vereda e Fernando Alvarez. Madrid: Las Ediciones de la Piqueta, 1978.
- _____. - A História da Sexualidade, vol. I trad. Maria Tereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal Ltda, 1990.
- _____. - Vigiar e Punir. trad. Lúcia M. Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1977.
- FRIEDLBAUM, Alain. - A Derrota do Pensamento. trad. Mônica Campos de Almeida. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
- FERRANDES, Florestan. - Universidade Brasileira: Reforma ou Revolução?, São Paulo: Alfa Omega, 1979.
- FERRARA, Lucrecia D'Alessio. - Leitura Semiótica da Cidade, in I Semana de Semiótica, Curitiba: Biblioteca Pública do Paraná, 1995.
- GLOTZ, Gustave. - A Cidade Grega. trad. Henrique de Araújo Mesquita e Roberto Cortes de Lacerda. São Paulo: Difel, 1990.
- HEIDEGGER, Martina. - A Origem da Obra de Arte. trad. Maria da Conceição Costa. Lisboa: Edições 70, 1990.
- HEICH, Ivan. - A Convivencialidade. trad. Arsenio Moita, Lisboa: Publicações Europa - América, 1976.
- JACOUE, Jean. - A Filosofia da Arte. trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- JENKINS, Henri. - Psycho - Sociologie de la Vie Quotidienne. in De Rural à Urbain. Paris: Editions Anthropos, 1977.
- LEFIARD, Jean-François. - O Pós-Moderno. trad. Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro. José Olympio, 1984.

- _____. - A Fenomenologia. Trad. Armando Rodrigues. Lisboa: Edições 70, 1986.
- MAUSS, Marcel. - Sociologia e Antropologia vol. II. Trad. Mauro N. B. de Almeida. São Paulo: Pedagógica e Universitária LTDA. e ed. da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1974.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. - A Crise do Entendimento e O Olho e o Espírito. Trad. Harlano Chauri. São Paulo: Abril Cultural, col. Os Pensadores, 1986.
- NIETZSCHE, Friedrich. - Além do Bem e do Mal. Trad. T. C. Netto, São Paulo: Nova Crítica LTDA., 1976.
- ROUPEC, Adalberto. Org. - O Olhar. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SHAPIRO, Ruben George. - Urbanização e Mudança Social no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1982.
- PISNATARI, Décio. - Semiótica da Arte e da Arquitetura: São Paulo: Cultrax, 1981.
- ROPPKEI, Sérgio Paulo. - As Razões do Iluminismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- ROSSETI, Clément. - O Princípio de Crueldade. Trad. José Thomaz Nrum. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- SENNETT, Richard. - O Declínio do Homem Público. Trad. Lygia Araújo Matanhe. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SUBIRATS, Eduardo. - Da Vanguarda ao Pós-Moderno, trad. Luiz Carlos Daher e Adélia Bezerra de Menezes, São Paulo: Nobel, 1984.
- YUAN, YI FU. - Topofilia. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Cultrax Editorial C. A. 1986.
- VERBAN, Jean-Pierre. - As Origens do Pensamento Grego. Trad. Inez Borges P. da Fonseca. São Paulo: Difel, 1977.